







# "BRUTAS FLORES"

Juventude Periférica, Cultura e Resistência

1ª Edição

## **Autores**

Artur R. Batista Henrique

Lisiane Nieldsberg

Natã Neves do Nascimento

Raphael Calazans

Tatiana Bastos

Tatiana Lima

## **Poetas**

Carol Dall Farra

Jéssica Policarpo

Maria Carolina Carvalho Martini

Mariana Probst

Rejane Camelô

Rogério Snatus

## **Organização**

Ana Paula Degani

Tatiana Bastos

Tatiana Lima

Rio de Janeiro  
Curió Editora Social

2018

O PROJETO UM NOVO HORIZONTE É PATROCINADO PELA:



REALIZADO POR:



EM PARCERIA COM:



Instituto Terra Nova – ITN  
Rua Duque de Caxias, 190, sala 201 – Várzea, Teresópolis, RJ.  
Site: [www.institutoterranova.org](http://www.institutoterranova.org)



# "BRUTAS FLORES"

Juventude Periférica, Cultura e Resistência

**Organização**

Ana Paula Degani  
Tatiana Bastos  
Tatiana Lima

**Ilustração**

Arthur Rodrigues

**Projeto Gráfico**

Belle Castillo

**Revisão**

Ana Paula Degani

Rio de Janeiro  
Curió Editora Social  
2018

Copyright ©Editora Curió, 2018.



Editora

ISBN  
Código

Brutas flores: Juventude Periférica, Cultura e Resistência. Rio de Janeiro, Editora Curió, ano 2018, 100 pp.

## Nota da Editora

A Curió Editora Social e o Instituto Terra Nova são a favor da liberdade de expressão e livre manifestação do pensamento crítico. Abraçamos a diversidade em todas as suas esferas e damos espaço e voz para destes precisa. Acreditamos que uma sociedade inclusiva e reponsável é ponte para o futuro dos nossos jovens.

As idéias e textos publicados nessa edição correspondem somente aos pensamentos dos autores e organizadores do livro, não correspondendo a política, missão, visão e valor do Instituto Terra Nova e da Curió Editora Social.



Editora



U M N O V O

**H O R I Z O N T E**

Apresenta:

## Agradecimentos

A arte existe, porque a vida, por si só, não basta, já dizia Ferreira Gullar. Por isso, esse livro é a consolidação e concretização de um trabalho que foi sonhado, pensado, idealizado e vivenciado por várias pessoas, com olhares diversos e com muitos sentimentos envolvidos (de resistência, pertencimento, de esperança). Por isso, cada palavra vem carregada de significado, de construções distintas, de vivência. Cada “ator” aqui tem a sua importância e vê na arte uma ferramenta de transformação social.

Assim, os nossos sinceros agradecimentos a cada um que contribuiu para que essas experiências alçassem voos para além dos muros onde ocorrem...

Ao Diretor Geral do Novo Degase, Alexandre Azevedo; aos Diretores da CECEL, George Fox; da DIPRO, Mirtes Bandeira; da DICEL, Alexander Martins, que acreditam no potencial do ser humano e no seu processo de mudança e ressocialização, de forma humanizada e participativa.

Aos pesquisadores, agentes culturais, artistas que, para além de dividirem suas experiências, auxiliam na (re)construção de um sujeito mais consciente de si e de suas potencialidades.

Aos educadores que, incansavelmente, acreditam que os jovens são sujeitos de potência e não de carência e, por isso, não desistem nunca. E a Petrobrás, por acreditar e apoiar o Projeto Um Novo Horizonte, voltados para as crianças e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, possibilitando a mudança de paradigma desse público e dando oportunidades concretas de transformação, enquanto a maioria da sociedade só exclui e pune.

Assim, ao abrir essas páginas, faça como o poeta Drummond, em seu poema Procura da Poesia, traga a sua chave, abra os seus pensamentos e contemple essas palavras.

Ana Paula Degani

## Apresentação do Livro

### Juventude periférica resiste e reexiste em sua própria cultura

Esta é uma publicação que pretende abordar a cultura como ferramenta de emancipação, existência e resistência na vida de jovens e adolescentes oriundos das periferias e favelas. O desejo de reunir artistas, poetas e pesquisadores em torno do tema, surge a partir da experiência implementada pelo Instituto Terra Nova, em Oficinas de Artes, nas Unidades do Novo Degase, responsável pela Socioeducação, no Estado do Rio de Janeiro.

Compreender como o fazer artístico e a relação orgânica com a cultura produzida genuinamente pela periferia, nos fazem existir de uma forma muito mais plena na vida cotidiana, estimulou esta equipe a construir um produto final, que trouxesse um pouco do que se tem vivenciado em termos culturais nas periferias, espaços de origem da grande maioria dos jovens que adentram em uma unidade de Socioeducação, no Brasil. E podemos dizer que o que temos visto é visceral. Convidamos o leitor a acompanhar a narrativa nocauteante das poetas do Slam das Minas, o cordel sobre a mulher preta, brasileira, nordestina, além de experiências concretas com uma juventude que tem na criatividade sua maior potência. Nosso objetivo, aqui, é o de conectarmos o leitor a esta forma genuína de estar no mundo, que representa a juventude periférica brasileira.

Entre os objetivos constitucionais do sistema socioeducativo, estão: “favorecer a formação de pessoas autônomas, cidadãos solidários e profissionais competentes, possibilitando a construção de projetos de vida e a convivência familiar e comunitária.” Foi a partir destes preceitos, que o projeto “Um Novo Horizonte” estabeleceu em sua grade de atividades, novos cursos que estimulam e promovem a autoexpressão, o sentido de solidariedade, a criatividade e o sentido de autonomia nesses jovens.

Vale ressaltar que sem o apoio da Petrobrás nada disso teria sido possível. Todo nosso reconhecimento, agradecimento pelo comprometimento da empresa com a promoção dos Direitos Humanos e o incentivo a uma sociedade mais justa, sustentável e pautada na cultura e na educação da nossa juventude.

Antes de tudo, é essencial retornarmos àquilo o que jamais deveríamos ter esquecido: jovens e adolescentes que em algum momento de suas vidas,

se puseram em situação conflituosa com as leis estabelecidas, são muito mais do que agentes de transgressão. Tanto a sociedade, quanto as Instituições, parecem esquecer disso, quando este sujeito adentra em uma das Unidades do Novo Degase, encarnando, assim, a expressão máxima do infrator - aquele que está privado de liberdade. Isto é só simbolismo. Quem os mata, concreta e simbolicamente, todos os dias, não faz a mais terna noção do que seja esta modalidade de inferno. Concentramos nossos esforços na punição, suprimindo as possibilidades de potencializar o desenvolvimento deste sujeito como um todo, para além de seus atos mais recentes.

Afinal, somos todos muitos ao mesmo tempo. Jovens em conflito com a lei podem ser filhos, estudantes, pais, amigos, cumprindo diferentes e diversos papéis em suas comunidades e na sociedade na qual se inserem. Compreender suas humanidades, repletas de fragilidades e também potências, é fundamental para estabelecermos uma nova e transformadora forma de guiar esses sujeitos em seus papéis sociais, que são inúmeros.

Se o sistema socioeducativo, sobretudo no que diz respeito à medida de internação, tem como seus principais objetivos, a correção e a ressocialização de uma juventude em conflito com a lei, o papel da cultura de periferia seria o de acolher este sujeito na totalidade da sua humanidade. Compreendendo que todos nós somos mais do que uma ação a ser considerada boa ou ruim, a arte nos aceita por inteiro e nos auxilia a sermos o nosso melhor.

É urgente um processo de aprendizado que forme o indivíduo em sua totalidade, uma educação que seja aliada a formação integral do sujeito, para que este viva não mais como um ser tutelado pelas violências que sofre e reproduz, mas sim, como um ser autônomo e capaz de reflexões críticas sobre o que o cerca, consciente de toda a sua potência.

A vida levada na arte e forjada em sua própria cultura é, sem dúvida, mais bonita, mais feliz, mais potente e mais humana.

*Vida longa à cultura de periferia.*


Tatiana Bastos



## Sumário

- Apresentação do livro, por Tatiana Bastos, 10**  
*Juventude periférica resiste e reexiste em sua própria cultura*
- A Arte de resistir através das palavras: poemas de MC Carol Dal Farra, 16**  
*Poesia Favelada, 18*  
*Mãe Preta, 20*
- A Arte de conquistar o seu espaço, por Natã Neves, 22**  
*Já que não me deram eu vou assim mesmo! Disputas pela afirmação de uma identidade negada, 24*
- A arte de resistir da nossa Juventude, por Tatiana Bastos, 38**  
*Nós, Sementes: a experiência da construção de um Grupo de Teatro e protagonismo juvenil feminino, em uma favela carioca, 40*
- A Arte e a Cultura Brasileira, 46**  
*Cordel das Pretas, 48*
- A Arte como autonomia, por Lisiane Nieldsberg, 52**  
*Relato de experiências do “Projeto Desvendando os problemas sociais” na socioeducação e sistema prisional, 54*
- A Arte como superação, por Artur R. Batista Henrique, 62**  
*A arte de superar a si mesmo: “Teatro no Novo Degase: Uma análise em História Social”, 64*
- A Arte como denúncia, por Raphael Calazans, 68**  
*Um bilhete escrito ao som de funk: Não apagam nossas memórias, nem a paz, nem a guerra, 70*
- A Cultura de fazer acontecer, por Tatiana Lima, 76**  
*É o Bonde dos Crias: a rua como cultura de comunicação e sobrevivência, 78*
- Poesia Marginal, por Rejane Camelô, 86**
- Referências Bibliográficas, 92**
- Sobre o Instituto Terra Nova, 95**
- Sobre as organizadoras do Livro, 98**

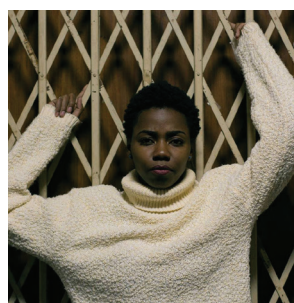
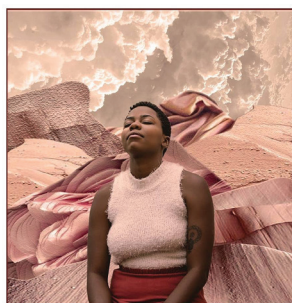




*Rap e Poesia... Arte e movimento...  
Inspiração, de repente, de momento.  
Nossa cultura é rica e sem igual,  
Já dei o meu recado, ponto final*

*Emicida*

A arte de resistir através da palavra...



## MC Carol Dall Farra

Carol Dall Farra é estudante de Geografia, Rapper e poeta marginal.

## Poesia Favelada

EU TÔ ACOSTUMADA A NÃO CHORAR, TIO,  
SEM MEIO TERMO.  
EU TÔ ACOSTUMADA COM OS PIKOTE DA VIDA  
COM A FALTA DE AMOR,  
COM A FALTA DE AFETO.  
DESDE MENOR SEMPRE SOZINHA,  
ME AMANDO SEM ENTRELINHA,  
ME AMAR FOI ESCOLHA MINHA,  
PORQUE EU VIM PRA CUMPRIR A FUNÇÃO.  
EU JURO PROCÊ, EU NÃO TINHA.  
MAS AGORA O AMOR VENDE,  
PARECE QUE TÁ EM ALTA,  
TEM LUGAR QUE AINDA FALTA...

VAI NA QUEBRADA PERGUNTAR...  
PERGUNTA PROS MENÓ  
DOS FUZIL, DAS HK  
SE COM OS TRAMPOS LÁ LADO DO MORRO,  
COM POUCO DÁ PRA COMPRAR AMOR!  
SE A PISTOLA QUE NÃO INDOLA,  
MAS NA REAL DEFENDE AGORA,  
TÁ PODENDO AMAR O MENOR MUITO MAIS DO QUE TU E EU

SENTA ELE E PERGUNTA  
A COR A PAREDE ESCONDIDA  
SE OS FURO DECORA A VISTA  
OU FAZEM PARTE DO ACIDENTE  
QUE ÀS VEZES DECORA A GENTE, QUE TÁ SUBINDO O MORRO  
FALA UM POUCO SOBRE A VIDA  
E VÊ A DISPARIDADE, QUE PARA E REPARA A IDADE  
DE QUEM NÃO PASSA DOS TREZE

QUE PARA,  
REPARA,  
REVISTA,  
DÁ TAPÁ NA CARA,  
PISA,

E SEM CORAGEM NÃO SE ADMIRA COM A FALTA DE AMOR.  
TÔ LIGADA PORQUE EU ME VEJO  
QUANDO ENCONTRO OS MENOR NA PISTA

REFLITO O TRANCO DA VIDA  
E PENSO QUE FALTOU PARA EU TER A PISTOLA NO CORPO,  
SORRISO ESTANCADO FROUXO,  
DE QUEM CONHECEU OLHO ROXO,  
CONHECEU A FALTA DE PÃO,  
A FALTA DE COISA EM CASA,  
E QUE SE EMBRULHASSE A FALTA  
ERA SHOCK DE OSTENTAÇÃO, COM A SOBRA DE TUDO ISSO

DESSE MUNDO INCONSCIENTE  
QUE SE ACOSTUMOU A VER GENTE  
DESGARRADA DE AFETO  
SEM TETO  
FAZENDO JUS A MÃO NO FERRO  
SEM NUNCA DAR 'OI' PRO AMOR



Veja no celu



## Mãe Preta

NA PONTA DO ABISMO  
LÁ VAI A MÃE PRETA  
AGUENTA O INFINITO, EM UM CORPO QUE O GRITO...  
SOCORRO!  
AÇUSA SUSPEITO  
NÃO CHORA, NEM FALA DAS MORTES DIÁRIAS  
PARIU CINCO VEZES, SEM ANESTESIAS, COM FALAS NO OUVIDO:


PRETA É FIRME!

TEU CORPO FOI ALVO DA FALTA DE AMOR,  
TEU PEITO BATUCA A DOR  
DE UM DOS FILHOS QUE ONTEM DORMIU  
QUANDO NA ESCURA DA NOITE,  
UM CORPO FARDADO MIROU SEM CERTEZA,  
POR CAUSA DA COR

MAS PRETO É FORTE! SEMPRE OUVI FALAR...  
MÃE PRETA RESISTE  
DESDE QUE NÃO SABIA O QUE ERA EXISTIR  
MÃE PRETA TEVE OS TEUS CALOS CALEJADOS  
PELA FALTA DE ARREGO  
DOS ATRASOS DA HISTÓRIA QUE TRAÇARAM TEU DESTINO.

MÃE PRETA QUE PARIU NO REBOLIÇO  
E TROUXE COM MUITO OFÍCIO,  
OUTRA PRETA QUE NÃO SORRIU.

FILHA DE PRETA, QUE COM A VIDA JÁ TRAÇADA,  
ME DESFIZ DE TANTA TRALHA  
COM O GRITO DE CANSADO  
ENTALADO NA GARGANTA  
E OS BICOS DE DIARISTA ENTALADOS NA MINHA HERANÇA...



VI O MUNDO CORTAR COM A FOICE  
MINHA PASSAGEM PELA INFÂNCIA  
OS HOMENS QUE ME OLHAVAM REVESTIDOS DE GANÂNCIA  
E PARA ELES NÃO IMPORTA SE TRATA-SE DE UMA CRIANÇA  
DE HIPERSEXUALIZAR O HOBBY DA VIZINHANÇA

DEDOS TE APONTARAM ONTEM  
HOJE O CANO TE APONTA  
AMANHÃ, OUTRO JULGAMENTO  
JULGANDO É QUE SE AGUENTA

TUA CABEÇA, UM REBOLIÇO  
TEU CORPO CUMPRIU CAPRICHOS  
TUA MÃE TAMBÉM PASSOU POR ISSO  
E TODAS DA TUA FAMÍLIA  
TUA VÓ BEM QUE DIZIA:  
'É UMA PRAGA, FEITO SENTENÇA  
ELES DIZEM QUE A GENTE AGUENTA'

MAS VEJO UMA MORTE LENTA  
E PARA CADA ABUSO NOVO  
UM BRANCO TE ORIENTA:  
'NEGRA É FORTE, NEGRA AGUENTA...'  
TUA VIDA NUNCA PASSOU DISSO,  
NUNCA FUGIU DA SENTENÇA  
COM A FORÇA DOS ANCESTRAIS  
INTERNALIZOU QUE AGUENTA  
IMAGINOU O CHICOTE LENTO,  
NA VÉRTEBRA DE UM BRANCO  
E VIU QUE A FORÇA É UM DETALHE,  
PRÁ QUEM VIVE EM  
RESISTÊNCIA.



Veja agora

A cultura de conquistar o seu espaço...



Natã Neves

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF), com o projeto de pesquisa “Gambmaker” e o jeitinho brasileiro dos fazedores culturais do Complexo do Alemão. Possui graduação no curso de Produção Cultural pela mesma universidade, concluída no ano de 2016. Pesquisou os jovens que moram em favelas, suas dinâmicas identitárias e culturais, além de desmistificar o estereótipo do termo favelado.

# JÁ QUE NÃO ME DERAM EU VOU ASSIM MESMO!

## Disputas pela afirmação de uma identidade negada

Hoje em dia a autonomia que o jovem tem em relação ao “mundo adulto” para estabelecer seus próprios conceitos de identidade e representação é completamente diferente comparado a alguns anos atrás. Conectados ao mundo pela internet, integrando sites de relacionamentos, os jovens se movem em redes. Ao interagirem com o mundo virtual, acabam construindo um sentimento de autonomia, disputando sua identidade e as diversas formas de representação. Espera-se que este trabalho possa servir como suporte para um melhor entendimento das questões que permeiam a construção identitária dos jovens que moram nas favelas, que possa suscitar novas discussões que propiciem uma maior consciência em relação a suas perspectivas de futuro diante da falta de representatividade e do constante estigma institucionalizado por nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Jovem. Identidade. Favela. Representação. Estigma.

### O Jovem e o Consumo – Quem não é visto, não é lembrado?

Tomaz Tadeu da Silva apresenta uma “sociedade dividida”, em que “dividir o mundo social entre ‘nós’ e ‘eles’ significa classificar. O processo de classificação é central na vida social.” (SILVA, 2000). Essa afirmação implica na compreensão de termos como inclusão e exclusão, já que ao dizer que se é parte de algo, significa que você não pertence a outra coisa. Essa seria a diferença na classificação do “nós” que está conosco para “eles”, os diferentes de nós, de maneira que essas marcas identitárias formam subjetividades na vida dos jovens que moram nas favelas, nos subúrbios e nas periferias da cidade.

O IBGE identifica como jovem o período de 15 a 29 anos, no censo realizado no ano de 2010 a população jovem era um quarto da população, aproximadamente 51,3 milhões de jovens sendo 84,8% nas cidades e 15,2% no campo. Esse tema juventude tem ocupado nas últimas décadas um lugar de relevância sobre a preocupação desses indivíduos e sua inserção na vida adulta, pois atualmente em nossa sociedade as mudanças são constantes em relação à produção e reprodução da vida social. Atualmente o jovem possui uma autonomia em relação ao “mundo adulto” para estabelecer seus próprios conceitos de identidade. Paulo Carrano questiona essa capacidade de construção de um repertório cultural particular que se opõe a uma herança familiar.

Hoje, os jovens possuem um campo maior de autonomia frente as instituições do denominado “mundo adulto”, para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdam e a capacidade de cada um de construir seus próprios repertórios culturais. (CARRANO, 2011, p. 7-8)

A forma com que os jovens são vistos ou constantemente colocados a margem é comum. Embora estejamos no século XXI, o preconceito aprofunda as diferenças e as intolerâncias e o jovem de periferia continua subalternizado. Juárez Dayrrel apresenta a partir de uma visão antropológica a necessidade de se considerar a posição social desses jovens e o tratamento que lhes é dado, pois se tornam experiências diversificadas através de contextos históricos e culturais diversificados.

Na visão hegemônica sobre a juventude, por exemplo, a primeira postura se manifesta na compreensão do jovem como um vir a ser, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente. (...) Alia-se a uma tendência em determinar o tempo da juventude com critérios etários predefinidos e rígidos, delimitando posturas e políticas públicas que não atendem às necessidades da juventude. (DAYRELL, 2004, p. 02)

Para o autor, em nossa sociedade há uma cobrança em relação a que caminho o jovem vai seguir e, qualificando esses jovens através de faixa etária ou de uma postura específica, essa sociedade tende a encarar esses jovens através de um olhar negativo, aquilo que são e que não alcançaram. Além disso, outras questões permeiam esses jovens, principalmente os que vivem nas periferias das cidades, o fato de não ter o cabelo liso dentro dos “padrões” construídos de beleza, considerado como certo, ou através da ausência de roupas com logomarcas de grifes, os coloca distante e em constante disputa, do que é considerado moderno ou atual para a nossa sociedade.

O modo de pensar o consumo foi se transformando de acordo com a construção do sujeito na modernidade, essa associação entre consumo e estilo de vida é uma forte marca da lógica do capitalismo. Zygmunt Bauman apresenta um novo tipo de modernidade na qual o modo como se vive determinado momento é que torna aquela experiência inesquecível, de forma que “o oposto dos objetos ‘duráveis’ são os ‘transitórios’, destinados a serem usados – consumidos - e desaparecer no processo de seu consumo.” (BAUMAN, 2001). O jovem de maneira geral deseja ser notado, seja através de suas roupas, suas atitudes ou práticas culturais, existe toda uma preocupação no que será consumido, qual seria a forma de chamar a atenção e mostrar uma identidade própria, seja através de um penteado novo, do tênis da moda ou de uma camisa de marca.

Para o sociólogo Cristiano Freitas, a ostentação e o consumo presentes nas favelas são uma forma de buscar reconhecimento econômico, além de reforçar a questão da identidade.

“O ‘consumo exagerado’ é somente uma forma de interagir com a sociedade, de dizer: ‘Se eles podem, eu também posso’”. Ao decidir por esse tipo de interação e afirmação dentro da sociedade, esse morador não fica isento de se tornar alvo de preconceitos quanto a autenticidade dos bens que ele adquiriu, pois que morador poderia comprar uma roupa cara ou um objeto valioso vivendo dentro de um território periférico com condições “precárias”.

Esse jovem não passa mais despercebido por entre os becos da favela, e não se trata apenas do estereótipo, há uma mudança em seu comportamento. É necessário conhecer os funks, pois há uma identificação com as letras cantadas e com os artistas. Não podemos ignorar que vivemos uma cultura de consumo em que o próprio consumo é o eixo central de diversas interações sociais e, sendo assim, ele acaba se tornando uma característica de um movimento artístico e cultural que está sendo utilizado atualmente como veículo mercantil. Como nos diz Adriana Facina e Pamella Passos:

Embora vivamos numa sociedade de consumo que estimula a associação entre a posse de bens materiais valorizados e a felicidade, a prática da ostentação, tão comum entre representantes da elite em nosso país, recebe fortes críticas quando o sujeito dessa ação são jovens, em sua maioria negros, de periferia. E, se o funk ostentação é criticado em matérias de jornais e revistas de grande circulação, a sua expressão em forma de rolezinho causou pânico e suscitou declarações de preconceito explícito, raramente confessados em situações de “normalidade”. (FACINA; PASSOS p. 22, 2014)

Esse “rolê” que dá origem ao nome “rolezinho” se conecta ao lazer ou a alguma prática cultural que é exercida por jovens de periferia. Porém, o que tem chamado atenção é como um simples gesto de sair e circular de forma livre, ocupou um papel central nas principais mobilizações juvenis na cidade de São Paulo e em outros estados do país nos últimos tempos. Em 2014, o rolezinho ganhou ampla visibilidade nacional e internacional, jovens das periferias urbanas se reuniam em grande número para passear nos shopping centers de suas cidades. O evento causou apreensão nos frequentadores e fez com que alguns proprietários dos estabelecimentos conseguissem o direito na justiça de proibir sua realização, impedindo o acesso dos jovens.

Para o pesquisador Renato Souza de Almeida, os “rolezinhos” levaram para dentro do paraíso do consumo a afirmação daquilo que esse mesmo espaço lhes nega: sua identidade periférica. Se quando o jovem vai ao shopping namorar ou consumir com alguns amigos ele deve fingir algo que não é, com os rolezinhos ele afirma aquilo que é. É preciso levar em consideração essa produção de subjetividade que contribui

---

<sup>1</sup> Matéria “Veja os sonhos de consumo do gueto”, publicada no portal A tarde em 20/08/2015. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1704500-veja-os-sonhos-de-consumo-do-gueto>

para a construção e a afirmação da identidade dentro desse espaço que muitas vezes é negado a outro público.

## **Rolezinho no Shopping Leblon - Pantera Negra**

Pantera Negra teve sua estreia em várias salas de cinema do mundo, em 15 de fevereiro de 2018, e nos primeiros quatro dias de exibição, arrecadou 404 milhões de dólares, com direção de Ryan Coogler e em seu elenco Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o, Daniel Kaluuya, Sterling K. Brown, Forest Whitaker dentre outros, além disso, em sua trilha sonora tem Kendrick Lamar. O filme trouxe um novo questionamento ao mercado cinematográfico, com a maioria do elenco e da produção formada por negros, mostra o quanto esses profissionais têm sido sufocados por uma indústria que ainda é formada em sua maioria por pessoas brancas.

O título da matéria do site *The Intercept*<sup>3</sup> me chamou a atenção, pela repercussão desconfiada por parte dos frequentadores do shopping, quando um grupo com quase 50 negros e negras, se organizaram em um rolezinho para assistir o filme Pantera Negra, no Shopping Leblon. Para Reinaldo Júnior, que é ator e esteve presente no rolezinho, a importância de fazer esse encontro no Leblon, se dá pela maioria de seus usuários serem pessoas brancas e da elite carioca, e a ocupação daquele espaço seria uma resposta de que eles ainda estão vivos. Para Simmel:

Sem tal aversão, não poderíamos imaginar que forma poderia ter a vida urbana moderna, que coloca cada pessoa em contato com inumeráveis outras todos os dias. Toda a organização interna de interação urbana se baseia numa hierarquia extremamente complexa de simpatias, indiferenças e aversões, o tipo mais efêmero ao mais duradouro. E nesse complexo, a esfera de indiferença é relativamente limitada, pois nossa atividade psicológica responde com um determinado sentimento a quase todas as impressões que vêm de outra pessoa. (SIMMEL, 1983, p.128)

Simmel apresenta um olhar positivo sobre a questão do conflito e faz uma análise sobre as relações sociais vivenciadas a partir dessa experiência, a indiferença e os olhares desconfiados são bons exemplos da resposta de uma parte dos frequentadores do shopping ao considerar que aquele espaço não deveria ser frequentado por aquele grupo.

O evento aconteceu dia 19 de fevereiro de 2018, sua divulgação

---

<sup>2</sup>

Matéria "O rolezinho da juventude nas ruas do consumo e do protesto", publicada no site *Le Monde Diplomatique Brasil* em 03/02/2014. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-rolezinho-da-juventude-nas-ruas-do-consumo-e-do-protesto/>

foi feita através das redes sociais dos organizadores, na divulgação em seu perfil no Facebook, Licínio Januário que foi um dos organizadores, postou uma sequência com três fotos dos personagens do filme com a seguinte frase: É por isso que representatividade importa. Além disso, em seu post ele fala sobre a importância dessa prática do movimento rolezinho, enquanto manifesto político e de união. “Venha fazer parte desse movimento, espalha a mensagem entre os Pretos, vamos mostrar que com a invasão do Reino de WAKANDA as coisas jamais serão as mesmas”.

A organização do evento foi feita pelo Coletivo Preto e o Grupo Emú, com o objetivo de ocupar um lugar que fosse utilizado tipicamente pela elite carioca, além disso, o evento quis trazer uma crítica à falta de profissionais negros dentro do mercado de audiovisual brasileiro. Uma pesquisa realizada no ano de 2016, pela Ancine, mostrou que no Brasil apenas 5% dos profissionais de audiovisual são negros. Para Licínio, “a grande mensagem desse filme é que a gente tem que escrever, tem que produzir, tem que se unir e tem que fazer entre nós.”

Além disso, outros tipos de ações como essa aconteceram em diferentes cidades, uma das ações era a distribuição de mil ingressos do filme pelo jornal Voz das Comunidades, que é um jornal que começou através da iniciativa de um jovem morador do Complexo do Alemão e hoje circula por outras favelas além da zona norte, em parceria com o jogador de futebol Victor Santos, que foi morador do Alemão e doou os ingressos. A ação que foi chamada de “Cinema Social” se tratava de sessões reservadas, não havia cobrança de ingressos e o público eram moradores do próprio Complexo.

A falta de representatividade dentro desses espaços foi um dos motivos para que o evento acontecesse ali, a localização do Shopping Leblon é cercada por diversas favelas como: Cruzada São Sebastião, Chácara do Céu, Cantagalo entre outras que a cercam. E por isso a importância desse tipo de ocupação, já que não há uma identificação com o público que tem o hábito de frequentar aquele espaço.

Durante minha pesquisa de campo, em 2016, no Complexo do Alemão, pude perceber o quanto esses espaços que são negados pelo Estado acabam sendo negados também por parte da população. Patrícia Brandão e Rute Imanishi (2013) nos apresentam uma leitura feita pelos habitantes da cidade sobre o Complexo do Alemão que acredito ser uma leitura, que também se faz de outras favelas do Estado, inclusive as que cercam o Shopping Leblon. “No imaginário social, o Complexo do Alemão costuma ser vinculado à criminalidade, à pobreza, à falta

---

<sup>3</sup> Matéria “Pantera Negra leva “público exótico” ao Shopping Leblon”, publicada no site The Intercept em 21/02/2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/02/21/pantera-negra-shopping-leblon/>

<sup>4</sup> Publicação feita na página do organizador Licínio Januário em 17/02/2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/>

io.c.januario/posts/10215816972646768

e a negação.”

Em relação à representação simbólica deste território para os demais habitantes da cidade, sua significação está impregnada dos sentidos da miséria e da violência urbana. A maioria das concepções negativas que fazem referência a esses jovens são demonstradas por essas relações intersubjetivas em que a agressividade e a violência são marcantes. Para Marcus Faustini, em seu livro *Guia Afetivo da Periferia*, “o entendimento do significado da palavra violência se deu através do jornal apresentado pela televisão”, porém se opõe a realidade vivida por jovens moradores de favela que presenciam a violência desde sua infância.

Esse tipo de crítica se torna mais evidente, pois o protagonismo negro é inteiramente presente no filme e quando se trata de pessoas brancas, não há uma variedade de personagens, diferentemente do que ocorre dentro dos grandes shoppings como é o exemplo do shopping Leblon. Para o estudante Ygor Marinho, “uma pessoa negra no Shopping Leblon talvez não seja muito bem vista, talvez não seja muito palatável para aquela sociedade leblonense que tá ali”.

Essa visibilidade e essa posição de protagonismo, causa reações eufóricas e insatisfeitas por parte de um público que enxerga esse espaço como seus, de tal maneira que identidades que não se adequam dentro de seus moldes são tidas como não pertencentes aquele lugar. Porém, ações como essas são importantes para nos fazer repensar como estamos utilizando os espaços e através disso gerar mudanças.

A falta de representatividade dentro desses espaços foi um dos motivos para que o evento acontecesse ali, a localização do Shopping Leblon é cercada por diversas favelas como: Cruzada São Sebastião, Chácara do Céu, Cantagalo entre outras que a cercam. E por isso a importância desse tipo de ocupação, já que não há uma identificação com o público que tem o hábito de frequentar aquele espaço.

Durante minha pesquisa de campo, em 2016, no Complexo do Alemão, pude perceber o quanto esses espaços que são negados pelo Estado acabam sendo negados também por parte da população. Patrícia Brandão e Rute Imanishi (2013) nos apresentam uma leitura feita pelos habitantes da cidade sobre o Complexo do Alemão que acredito ser uma leitura, que também se faz de outras favelas do Estado, inclusive as que cercam o Shopping Leblon. “No imaginário social, o Complexo do Alemão costuma ser vinculado à criminalidade, à pobreza, à falta e a negação.”

---

<sup>5</sup> Matéria “Pesquisa revela que mulheres negras estão fora do cinema nacional”, publicada no site EBC em 06/07/2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-07/pesquisa-revela-que-mulheres-negras-estao-fora-do-cinema-nacional>

<sup>6</sup> Matéria “Voz das Comunidades leva crianças do Complexo do Alemão ao cinema”, publicada no portal o globo em 26/03/2018, Disponível em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/voz-das-comunidades-leva-criancas-do-complexo-do-alemao-ao-cinema/>

Em relação à representação simbólica deste território para os demais habitantes da cidade, sua significação está impregnada dos sentidos da miséria e da violência urbana. A maioria das concepções negativas que fazem referência a esses jovens são demonstradas por essas relações intersubjetivas em que a agressividade e a violência são marcantes. Para Marcus Faustini, em seu livro *Guia Afetivo da Periferia*, “o entendimento do significado da palavra violência se deu através do jornal apresentado pela televisão”, porém se opõe a realidade vivida por jovens moradores de favela que presenciam a violência desde sua infância.

Esse tipo de crítica se torna mais evidente, pois o protagonismo negro é inteiramente presente no filme e quando se trata de pessoas brancas, não há uma variedade de personagens, diferentemente do que ocorre dentro dos grandes shoppings como é o exemplo do shopping Leblon. Para o estudante Ygor Marinho, “uma pessoa negra no Shopping Leblon talvez não seja muito bem vista, talvez não seja muito palatável para aquela sociedade leblonense que tá ali”.

Essa visibilidade e essa posição de protagonismo, causa reações eufóricas e insatisfeitas por parte de um público que enxerga esse espaço como seus, de tal maneira que identidades que não se adequam dentro de seus moldes são tidas como não pertencentes aquele lugar. Porém, ações como essas são importantes para nos fazer repensar como estamos utilizando os espaços e através disso gerar mudanças.

## **Que batida é essa que na balada é sensação? É claro que é funk meu irmão!<sup>7</sup>**

Uma das práticas de lazer que se desenvolve nas favelas e passa por um processo de estigmatização e criminalização é o estilo musical funk e os seus bailes. O funk, por sua vez, também se expressa pelo estilo do funkeiro, que reúne marcas sociais e culturais expressas através da vestimenta, da dança, das gírias, dos bailes que esse jovem frequenta e também do território de moradia. Porém, esta prática de lazer também contribui para tipificar e identificar os jovens moradores de favela de maneira aleatória. Erving Goffman questiona esse conceito de estigma:

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 2004, p.6)

---

<sup>7</sup> Referência ao funk “Tô Tranquilo” que fez sucesso nos anos 2000 na voz do MC Sapão.

Durante a década de 1990, o funk carioca começa a ter identidade própria com letras que refletem a rotina das comunidades. Nas músicas produzidas durante essa década, os mestres de cerimônia mais conhecidos como MC's, afirmam a identidade das favelas, como pertencentes à cidade e como territórios que não se resumem à violência midiática, mas que constroem sociabilidades e outros padrões de interação social entre as camadas populares. (FACINA; LOPES, 2014) Com isso se tornou cada vez mais popular, multiplicando-se pela cidade os bailes. Em paralelo, o funk começou a ser alvo de ataques e preconceito, por ser um ritmo popular entre as camadas mais populares da sociedade.

Em relação ao julgamento feito ao morador da favela, na maioria das vezes o que se espera por parte da sociedade é que esse indivíduo tenha um comportamento desviante, então se ele produzir algo, é preciso se afirmar de diversas formas, para que a sociedade veja isso como algo bom. Em relação a um olhar além das aparências, Gilberto Velho diz:

É importante levar em conta as aparências, mas é necessário ir além delas. Ao mesmo tempo é fundamental que, por maior que seja o nosso esforço e compreensão, haverá sempre algo que nos escapa. Isso, longe de ser negativo, torna-se um estímulo e uma razão para a maior modéstia de nossas pretensões. (VELHO, 2011)

Menosprezar a questão das diferenças culturais, a partir de um entendimento próprio do que é cultura, seria como aceitar de um modo geral e sem maior questionamento, que ela designava o conjunto de tudo àquilo que a humanidade havia produzido de melhor através de materiais artísticos, filosóficos, literários etc. Assim as classes populares que vivem em uma realidade oposta ao que se tem como “culto”, não teria a possibilidade de ter suas manifestações culturais reconhecidas, pois o seu sistema simbólico trabalha na afirmação do sujeito na sociedade, e sua totalidade se relaciona dimensionalmente onde se está inserido. Para Darcy Ribeiro, apesar das transformações que ocorreram ao longo dos séculos, esse entendimento de hegemonia para uma determinada classe não se transformou, como o autor diz:

Nada é mais continuado, tampouco é tão permanente, ao longo desses cinco séculos, do que essa classe dirigente exógena e infiel a seu povo. Tudo, nos séculos, transformou-se incessantemente. Só ela, a classe dirigente, permaneceu igual a si mesma, exercendo sua interminável hegemonia. (RIBEIRO, 1995, p.69)

O funk tem sua origem no morro, na periferia, na comunidade, e representando esse lugar, tornou-se patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Em suas letras são abordados o estilo de vida, a dificuldade financeira, a exclusão social e a violência que assombra

essas regiões periféricas. Ele tem, portanto, um caráter de ser crítico, de ser uma via de manifesto de opinião. Por meio do funk, há uma tentativa de almejar voos mais altos, mais dignos. Nossa sociedade condena e criminaliza o jovem favelado, a ascensão social é possível, mas tem seus limites, arrasta consigo o suor milagroso de cada dia, as lágrimas e a dor de quem insiste na luta por um futuro melhor. A cantora Anitta, em entrevista a Universidade de Harvard, falou sobre a criminalização do funk e as oportunidades que esse mesmo funk considerado marginal tem dado aos seus MC's.

“Acho que as pessoas que tentam criminalizar o funk, elas nunca estiveram numa situação dali do baixo nível. Nunca assistiram pessoalmente o que é você estar num subúrbio, numa periferia, numa favela... Na favela você fica sem oportunidades. Você quando chega na escola pública, principalmente agora com a aprovação automática, você sai e você não tem previsão de destino e de futuro. Não estou dizendo que o funk é a salvação atual do nosso país, o funk ajuda bastante a diminuir um pouco o nosso problema.” (ANITTA, 2018)

Apesar de uma convivência marcada por conflitos, a presença dos jovens e a sua luta para sobreviver em meio a violência que cercam as favelas tem ampliado o olhar sobre a real importância de ter uma voz dentro da comunidade, mostrando muitas vezes o oposto ao que se vê. Essa voz é reconhecida através das letras do funk, que trazem uma interpretação da realidade do morador da favela, ou através do uso estratégico das redes sociais para chamar a atenção para os reais problemas que se ocorrem ali e as suas necessidades. Anitta durante sua entrevista reforçou sobre como as letras dos funks expressam a realidade de quem vive na favela e por isso muitas vezes não são aceitas.

“A rejeição ao funk é única e exclusivamente porque o funk veio do pobre, veio da favela. E é muito difícil para você que nasceu naquela realidade cantar sobre coisas lindas “o barquinho vai, a tardinha cai” você não tá nem vendo isso. O funkeiro nada mais canta que a realidade dele. Então se ele acorda, abre a janela e vê gente armada, se ele acorda, abre a janela e vê gente se drogando, se ele vê pessoas se prostituindo, é a realidade dele. Acaba que para a pessoa aquilo é super normal.” (ANITTA, 2018)

Em uma perspectiva não generalizante, o funk pode ser entendido sob variados aspectos. Pode ser compreendido como uma forma de protesto social, o movimento nasce da vivência em comunidade, nasce com o intuito de dar voz a quem não tem voz, porque está calado pela mídia e pela sociedade desigual. O funk ostentação ganhou público com suas letras e exaltação à marcas e produtos de alto valor mercantil e passou até ditar moda: a moda do ostentar. Mas o funk

de ostentação parece se transformar em um protesto inconsciente através de suas letras. O funk mostra-se como a expressão de outro caminho para se alcançar aquilo que se quer, e os funkeiros entenderam as raízes capitalistas desde quando estas eram apenas sonho, afinal: *quem não é visto, não é lembrado*.

### **Afirmando o que me negaram**

A despeito da resistência que os ‘rolezinhos’ e o ‘funk ostentação’ tipificam, suas práticas se manifestam através de diferentes personalidades, quanto mais marca você carregar consigo, mais está exibindo o “seu valor”, o que importa é o brilho do ouro em seus braços e pescoços. O fundamental é deixar bem visível o símbolo do tênis e do boné aba reta que veio ali dos EUA.

Para o escritor Ferréz, quando o jovem morador da favela vai ao Shopping e compra uma camisa por um valor acima do seu orçamento, isso se justifica, porque esses jovens cresceram com a ilusão de que eles se tornariam alguém na vida, se eles adquirissem esses bens. Nesse caso, ocorre um verdadeiro conflito entre o ter e o ser. O problema dessa esfera de consumo que passa a sediar os prazeres humanos, faz com que se desenvolva uma identificação perversa entre consumo e posição social. Para Colin Campbell:

Essa questão não tem a ver com “por que consumimos?”. Para tal questão existe uma série de respostas amplamente aceitas, que vão da satisfação de necessidades até a emulação dos outros, a busca do prazer, a defesa ou a afirmação de um status etc. (CAMPBELL, 2006)

Esse consumismo presente na atual modernidade está em sua natureza, mais preocupado em produzir vontades imediatas do que em satisfazer necessidades. Pode se considerar tal atividade como um importante caminho e necessário para um autoconhecimento, afinal até quando esse prazer momentâneo pode superar uma necessidade. Esses jovens ouvem funk ostentação e compram roupas de grifes caras. A indústria do consumo sabe muito bem como seduzir a partir da imagem, usando técnicas publicitárias para dar uma “alma” para um objeto vazio de sentido. No entanto, Baumann apresenta:

Além de ser um excesso e um desperdício econômico, o consumismo também é, por essa razão, uma economia do engano. Ele aposta na irracionalidade dos consumidores, e não em suas estimativas sóbrias e bem informadas; estimula emoções consumistas e não cultiva a razão. (BAUMAN, 1925)

Toda essa dinâmica cultural em volta da prática do consumo, encontra na tecnologia digital um suporte adequado para as complexas amostragens. Hoje em dia, além de fazer o download de música e poder escolher quando, como e que parte quer ouvir, pode-se ver a música. A facilidade que a internet proporciona faz com que as danças e coreografias sejam aprendidas, e os passos popularizados. Os jovens com idade entre 18 e 30 anos lideram o crescimento do rentável mercado de smartphones no país, por conta das condições de compra a prazo aliado aos planos populares de operadoras de telefone proporcionando o acesso à internet.

Os jovens da periferia representam hoje uma grande massa de consumidores. Segundo o Instituto Data Popular, o Brasil tem hoje cerca de 31 milhões de jovens entre 16 e 24 anos. A renda dos considerados “classe média” (ganham entre R\$ 320 e R\$ 1.120 ao mês) é superior à dos jovens das classes alta e baixa somadas. Para esta geração, a busca pelo reconhecimento e ascensão social se dá pelo que possuem, em especial objetos de marca. Assim, nada mais lógico do que promover encontros nos paraísos de consumo atuais, os shopping centers.

Assim começa uma armadilha da aparência, do ter antes do ser. Não por acaso, as redes sociais, costumam ser a praia onde acumulam seguidores, templos do ego, do selfie, uma linha do tempo da vaidade. Onde não basta comprar, é preciso ter uma vitrine, mesmo que virtual, para exibir e compartilhar as conquistas materiais.

A identidade e representação estão estreitamente associadas a sistemas de significação, isso justifica uma necessidade de ser “lembrado” por onde se passa, essa representação externa se baseia em signos e uma própria linguagem, pois é gerada em um sistema de significação. A incompreensão do estilo de vida levado por esses jovens só garante a certeza de que a definição do “normal”, depende apenas da definição do “anormal”, porém há uma necessidade de aceitar essa identidade, mesmo em meio a conflitos.

“Pensar o popular a partir do massivo não significa (...) alienação e manipulação, e sim, condições de existência e luta, um modo novo de funcionamento da hegemonia. Por isso, frente à crítica da massificação, tem-se o direito de perguntar, se o que se rejeita é o que há nela de opressão e domínio, ou o que ela comporta de novas formas de relação social e conflitividade”.

(MARTÍN-BARBERO, 1997, p.320)

Barbero apresenta um bom exemplo sobre esses conflitos, de forma que é possível relaciona-los a oposição que a sociedade tem em relação as produções que são feitas por esses jovens de camadas populares.

O uso do celular alto, muitas vezes, soa como algo suspeito ou incômodo, já que não é sempre confortável ouvir funk, ou um som que

está falando sobre violência e sexualidade.

Stuart Hall explica que, seguindo esta ideia as “representações da identidade estão vinculadas a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares o que estaria representando o seu pertencimento a determinado lugar”. (HALL, 2006).

A população nem sempre se vê receptiva diante dessa representação, buscando encontrar respostas para esse tipo de atitude, seja pela falta de educação dos mesmos, pela sociedade violenta ou pelo esquecimento dos pais. Esse “vandalismo” provocativo seja através de falar alto dentro do ônibus ou na rua, assusta e tem feito com que muitos generalizem tais atitudes como ações de marginalizados, já que um desconforto e uma desconfiança se dão a partir desses atos.

Esses jovens que moram na favela buscam a tranquilidade de se divertir em meio à noite, sem a preocupação acerca de sua segurança, se vai voltar a salvo para casa. Se tratando desses jovens é importante pensar em todas as questões que permeiam esse universo da favela, estereótipos, conceitos, violência e cultura, todas presentes e atuantes na constituição do caráter do jovem para a sua formação como cidadão.

As preferências musicais dos jovens por músicas midiáticas são comumente desvalorizadas se tornando alvo de julgamentos preconceituosos sobre sua formação. Uma vez que se associa à cultura de massa, a cultura popular é tratada como sem valor cultural e uma mercadoria que atende aos interesses comerciais de capitalismo. A dança e a música têm sido agentes para que toda uma história de um local seja exibida como resposta ou até mesmo um grito que deseja uma reflexão sobre o que é a vida dentro da Favela.

É preciso ampliar o olhar para a cultura presente nas favelas, pois esse território possui uma grande riqueza dentro da cidade, é a mistura de arte com a vida que faz a esperança de viver sua rotina ser chamada de cultura. Não há prédios históricos com grandes fachadas, e os que ali estão presentes, não conseguem esconder a beleza da natureza presente. Apesar de seus problemas estruturais, é possível compreender que há o desenvolvimento de uma arte diversificada e muitas vezes incompreendida, tais questões apresentam a potencialidade desse espaço popular desmistificando todo um conceito baseado em falta de recursos e carência social.

## **Considerações Finais**

A proposta desse trabalho foi refletir sobre a relação dos jovens de periferia entre consumo, identidade e representação. Busca também evidenciar a influência que esse jovem tem através das mídias sociais nesta era tecnológica, onde o acesso às redes sociais é constante. Se utilizando dessas ferramentas para afirmar sua identidade e se relacionar com outros jovens que assim como eles tem aprendido a se utilizar desses meios para disputar os espaços da cidade. Espaços

que têm sido negados pela distância dos territórios periféricos do centro da cidade, pela ausência de transporte para que esses jovens possam circular os levando a entender que a cidade não é feita para ser utilizada por eles.

Os favelados, termo comumente utilizado para desqualificar é ressignificado tornando-se identidade e motivo de orgulho. Mesmo sendo considerados “os outros”, esses jovens têm se apropriado dos bens e dos espaços que lhes são muitas vezes negados pela cor, pela condição financeira entre outros motivos.

Conforme apresentado, esses jovens encontraram alternativas para mostrar os seus corpos vivos dentro da sociedade, o consumo se tornou uma ferramenta para afirmar essa identidade. O próprio exemplo do rolezinho, os jovens que participam desse evento, ainda que de forma inconsciente retornam a ideia de sociabilidade dentro dos Shopping Centers que se tornaram espaços onde o convívio acontece de forma breve e superficial.

Além disso, podemos utilizar o exemplo dos rolezinhos e de como a cultura do consumo nos coloca diante de uma crise de identidade, dos valores que formam e definem as relações humanas. Seria a vida como um desfile, uma passarela da moda? Porém outros questionamentos são levantados, em que um tênis e um boné passam a ter um significado além da simples utilidade de: calçar o pé e cobrir a cabeça.

Existe uma mensagem por trás de tudo isso, além dos cordões de ouro com grandes pingentes, que muitas vezes são as iniciais do usuário, roupas de marcas, tatuagens e gírias marcadas. As tentativas de categorizar ou classificar os tipos de música que são consumidos se dão não apenas na divisão por gêneros das mesmas, mas cada um de forma individual dentro de contextos como classe, idade, etnia e religião. São pessoas que têm uma voz, exercem um papel dentro da comunidade, na qual relações de troca e união estão presentes como grandes agentes de formação.

Considerar o conceito antropológico de cultura de que tudo que o homem faz é cultura, nos faz compreender de que tais atitudes são partes da cultura que cerca esses jovens, essas manifestações têm passado por constantes transformações, em todo tempo são retraduzidas e ressignificadas por seus criadores.

O olhar sobre a sociedade a partir de uma realidade vivida dentro da favela é completamente diferente das vividas fora, a compreensão de quais são as reais necessidades, os perigos e sua rotina só conhece os que vivem ali, o que tem feito com que alguns jovens que participam de coletivos ou são apenas moradores, se mobilizem para ganhar voz e mostrar a cultura que ali é produzida, ou conseguir chamar a atenção para solucionar problemas que são esquecidos pelo governo ou que continuam sem solução. Para além de uma conclusão, busco desvendar alguns processos de identificação social e cultural do jovem de favela.



A Arte de resistir da nossa juventude...



### Tatiana Bastos

Atriz, jornalista, mestre em comunicação social, coordena o Grupo “Teatre-se: Teatro e protagonismo juvenil feminino em favelas”. Também é componente do Coletivo Madalenas Rio, integrante da Rede Mundial Madalenas, de Teatro feminista.

## Nós Sementes: a experiência da construção de um Grupo de Teatro e protagonismo juvenil feminino, em uma favela carioca

Este não é um ensaio acadêmico, mas uma produção textual, baseada em minha experiência individual, a partir de um projeto de intervenção, que idealizei, implementei e coordeno há cinco anos, no complexo de favelas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro - O Grupo de teatro e protagonismo juvenil feminino: Teatre-se. O desejo de fundar um grupo de Teatro juvenil nesta favela, surge das minhas observações de campo, ao longo de pouco mais de três anos atuando como gestora social local, pela Secretaria de Direitos Humanos, do Estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 2011 e 2015. Ao longo deste período, atuei no recolhimento de demandas sociais, formulação, planejamento e execução de políticas locais, interlocução com o Governo em suas diversas esferas, com a iniciativa privada e o Terceiro Setor. Já nesta época pude notar uma lacuna, tanto de atividades culturais e artísticas, quanto de projetos que tivessem no diálogo com a juventude local, algo central- o que parecia determinar formas de autoexpressão silenciadas. O Teatre-se nasce do diálogo com estes sujeitos jovens.

Ao longo dos anos, nos tornamos um Coletivo de Teatro Feminista/Mulherista, de valorização dos saberes e fazeres femininos comunitários, protagonizado por mulheres jovens, todas moradoras deste complexo de favelas. Apesar de sermos um grupo diverso, a quase totalidade de integrantes do Teatre-se, ao longo desses anos, é de meninas jovens, com idades variando entre 14 e 20 anos. Acredito que a pouca aproximação dos meninos se deva a um certo receio em participar de um processo artístico, com uma linguagem que costuma estar associada, por eles, ao universo feminino.

O Grupo Teatre-se buscou, ao longo dos anos, ser um espaço de fortalecimento ao protagonismo juvenil feminino neste território, através do diálogo horizontal e das Artes Cênicas, em todas as suas formas de expressão. Nossa metodologia utiliza jogos dramáticos, exercícios teatrais, improvisações de cena, atividades de dança e leituras dramatizadas, como ferramentas disparadoras para reflexões críticas, sobre o ser jovem e mulher na favela. Além das oficinas de Teatro semanais, as meninas do projeto elaboram, coletivamente, sob minha supervisão, espetáculos teatrais e Festivais feministas, comunitários, de cultura jovem e da favela. Mas como chegamos até aqui? Todo este processo, encarado por elas como um processo de empoderamento, não foi fácil. Teve início, na verdade, no mapeamento das violências sofridas, internalizadas e reproduzidas entre nós e contra nós, tendo sempre em mente, todas as especificidades de classe, raça, orientação sexual e geração, que nos diferenciam, umas das outras.

Acreditamos muito no Teatro e no quanto a linguagem teatral e o diálogo reflexivo sejam capazes de atuar, de forma articulada, na proposta de gerarempoderamento coletivo, trazendo sentido aos afetos, estimulando

o protagonismo social, cultural e político, de meninas jovens em suas favelas de origem, o que é fundamental para pensarmos possibilidades de transformações locais, a partir desses saberes, dessas narrativas femininas, sempre tão silenciadas.

Principalmente quando levamos em conta que se trata de um território em que a mulher já é comumente excluída dos processos políticos, das articulações comunitárias, uma vez que além do trabalho no ambiente público, às mulheres é conferida a responsabilidade das tarefas domésticas, do cuidado e da criação dos filhos, o que, muitas vezes, as impossibilita de ocupar, na prática, alguns espaços de tomadas de decisão, mesmo em suas comunidades.

A partir daqui, convido o leitor a pensar sobre uma realidade de vulnerabilidade social, mas também de potência para resistir e reexistir, em um contexto muito específico, que é o de ser mulher, jovem e moradora de favela. As discriminações a que meninas jovens estão submetidas em relação a origem, raça/etnia, gênero e geração, conferem uma série de desigualdades e violências que são experienciadas em suas vidas cotidianas e o que nos interessa pensar, aqui, é justamente as possibilidades de enfrentamento e resistência coletiva e individual, a partir do Teatro, nossa ferramenta de trabalho.

Relacionar essas opressões, a partir do conceito de interseccionalidade, se mostra como um caminho viável, a fim de compreendermos como, articuladas, elas definem relações sociais de exploração. O conceito de interseccionalidade aponta para a necessidade de se pensar a partir de opressões que se cruzam, determinando as relações de poder e opressão e legitimando discursos e práticas que determinam, excluem, hierarquizam.

Para compreendermos a violência a que meninas jovens, moradoras de favela estão submetidas, sugiro, primeiramente pensarmos as favelas como espaços tutelados por todo tipo de violência e de que forma estas violências atingem a vida cotidiana dessas jovens. Costumamos pensar nas favelas apenas como reprodutoras de violência quando, na verdade, seus moradores, jovens ou adultos, homens ou mulheres, na sua grande maioria, negros, são as principais vítimas da violência estrutural, social e institucional no país. A violência da discriminação, do abandono, do tráfico, a violência institucional que impõe aos seus moradores ações policiais de caráter de extermínio e moralizador, uma política de controle da sociabilidade juvenil.

As Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) têm definido, por anos, que eventos culturais estão liberados, a que horas esses jovens podem ou não estar nas ruas, por quais espaços podem circular - isto tanto na favela, quanto na cidade, como um todo, é uma realidade enfrentada cotidianamente. As expressões culturais da favela são criminalizadas e a juventude local, desumanizada. Vivenciamos, nos espaços favelizados, uma militarização da cultura, da vida, dos corpos, o cerceamento da sociabilidade. Em uma roda de diálogo com as meninas do Teatro-se, o baile e as amizades foram apontadas como aquilo o que a favela tem de melhor. Em contrapartida,

as UPP's foram apontadas como o que a favela tem de pior. Os motivos citados foram: porque ela mata nossos amigos; porque os policiais da UPP assediam as meninas; porque eles não permitem o baile, um dos poucos eventos de lazer da localidade.

Em um caso de assédio cometido por um policial contra uma menina de 13 anos, a retratação do comandante na época, foi informal, via WhatsApp, justificando que “chamou a atenção do seu subordinado” - declaração não contestada por nenhum morador. Quer dizer, o assédio moral e sexual cometido contra jovens e adolescentes, se configura como uma das principais demandas apontadas pelas meninas e isso não teve a menor repercussão entre os atores mais ativos da comunidade, o que revela o silenciamento a que costumam estar submetidas. A grande maioria das meninas, segundo os mesmos relatos, sequer comenta em casa sobre esses casos, até pela cultura de culpabilização das mulheres, que é muito forte em nossa sociedade.

Além da violência institucional, cometida no espaço público, meninas jovens de territórios vulneráveis, estão sujeitas a uma série de outras violências no espaço privado, além de toda discriminação social, da negação de Direitos e de uma cidadania precarizada, enfrentada por esses moradores em geral. Ou seja, a polícia, nos espaços favelizados, não existe para proteger, mas para militarizar, cercear, moralizar, legitimar a violência institucional e matar. Cada vez mais, matar um jovem da favela é legitimado como política pública de Segurança. Segurança pra quem, afinal? Por que nos sentimos mais seguros, quando um jovem de favela morre? Após décadas de mortes, que mudanças significativas alcançamos, afinal? No entanto, como decidimos atuar, coletivamente, sobre as modalidades de violência de gênero enfrentadas pelas jovens e discutidas em nossos encontros reflexivos, farei, a partir daqui, um apanhado mais abrangente do que viemos discutindo ao longo dos últimos anos, entre as meninas do Grupo Teatre-se.

Quero ressaltar que não busco uma narrativa totalizante sobre a mulher jovem de origem periférica, mas encontrar brechas de resistência, tendo o teatro e o saber feminino como ferramentas e as discussões levantadas em nosso grupo, como uma amostragem, capazes de estimular um processo de empoderamento coletivo, que dê conta de um enfrentamento possível. Entre tudo o que observei e do que foi trazido pelo grupo ao longo desses cinco anos de atuação do Teatre-se, me chamou atenção a dificuldade em se verem representadas em outras mulheres da favela. Certa vez, sugeri que as jovens do Grupo me trouxessem o nome de uma representatividade feminina importante em suas favelas de origem e que não fosse de sua própria família. A proposta era nos inspirarmos para a construção de uma cena dramática. Nenhuma das 15 meninas presentes conseguiu pensar em um nome e, no entanto, há diversas mulheres, que realizam trabalhos de liderança e apoio à juventude local, nas favelas do Cantagalo e Pavão.

Deste modo, incluímos como uma das atividades do Grupo, o recolhimento de memórias de mulheres mais velhas, que tenham atuado de forma determinante, em momentos importantes, em seus territórios. Conhecemos, então, a história de Dona Antônia, que foi responsável pelos primeiros socorros, logo após a queda de uma grande caixa d'água, desabrigando vinte famílias, na década de 80. Conhecemos, também, a história de Josely, advogada, ex empregada doméstica e que hoje atua também como voluntária, dando aulas de reforço

escolar, para as crianças. Essas e outras histórias viraram peças de Teatro, como o nosso primeiro espetáculo, “Cantagalo em Cena”, que contava a história de formação do morro do Cantagalo, com a chegada dos primeiros moradores, a luta das mulheres, que precisavam andar quilômetros para buscar água para o banho, ou o cozimento dos alimentos. Este encontro geracional de troca de experiências foi revolucionário para o nosso grupo, tanto, que no ano de 2015, fomos convidadas a participar do documentário “Mulheres Guerreiras”, que tratou justamente do aprendizado entre mulheres de diferentes gerações.

O alto índice de evasão escolar entre as meninas, em parte pelas dificuldades comuns à juventude periférica, em parte pelo papel social feminino, que impõe às mulheres, desde muito cedo, a função de cuidadoras dos irmãos mais novos e dos trabalhos domésticos, também foi bastante discutido em nossos encontros. Fomos buscando, no campo do abstrato, maneiras de trazer essas discussões à tona e, no campo do concreto, formas de lidar com essas questões emergencialmente, mobilizando as famílias para o diálogo, fazendo parcerias para bolsas de estudo em cursos extracurriculares e estimulando o empoderamento individual, via trajetória acadêmica.

O estigma de que mulheres negras são sempre fortes e que as coloca numa condição de suportar tudo, assume uma condição limite nas favelas, no que diz respeito à culpabilização feminina.

As dores e violências sofridas por meninas negras e pobres, muitas vezes são invisibilizadas, por uma lógica de autonomia, que é perversa. A elas costuma ser atribuída uma responsabilidade de protagonismo sobre as próprias tragédias. Ora, meninas que praticam sexo quando estão bêbadas, meninas castigadas pelo tráfico, meninas

que engravidam de homens casados e são abandonadas, encontram uma obrigação, desde muito cedo, de estarem cientes de suas atitudes, se responsabilizarem por elas, muitas vezes, completamente sozinhas. Ou seja, não se problematiza, nem se contextualiza essas situações, por um viés da vulnerabilidade que estes sujeitos enfrentam.

O que percebemos, ao final disso tudo, é que o Estado (que não intervém em situações limite - nem em relação ao abandono escolar, nem em relação à violência, na maioria das vezes sendo o autor da mesma), a escola, a família, o território, o tráfico, a polícia, a igreja, todos se organizam, no sentido de perpetuar essa engrenagem de violência simbólica, que já é, por si, estrutural. Se os sistemas ou aparelhos de poder se mantêm, em parte, a partir das violências que naturaliza e legitima, podemos levantar a hipótese de que, nas favelas, tanto as práticas violentas, quanto as ferramentas de uma sofisticada engrenagem de dominação

e exploração, ganham o contorno de uma perversidade única, intensa, deflagrada. Isto ocorre, antes de tudo, porque é um espaço, por si só, tutelado por todo tipo de violência.

Disseminar um pensamento empoderador para as mulheres através da arte é urgente e o Teatro produzido nas periferias e favelas traz a possibilidade de dizer quem eu sou a mim mesma e ao mundo. Este mundo que tem

sempre um saber produzido sobre as mulheres, em especial as mulheres negras e jovens. Por isso, acredito que um teatro feminista, emancipatório e antirracista, seja de extrema relevância na construção da identidade da mulher jovem, negra, de origem periférica. O teatro tem se mostrado, ao longo da história, como uma ferramenta política emancipatória, com possibilidade de dar condições ao protagonismo, a partir dessa organização coletiva e da experiência teatral, ainda que as adversidades e dificuldades sejam muitas e por diversas vezes, um obstáculo duro, na construção deste processo. É importante que as meninas jovens conheçam a própria história, para assim valorizarem cada conquista, que possam ter referências femininas próximas, se solidarizar umas com as outras e manter um espaço de troca e cura, pois já estão, muitas vezes, enfraquecidas pela discriminação e o racismo, pela vida na favela e por toda a pressão social. Os processos de criação artísticos coletivos têm sido fundamentais para as transformações subjetivas de cada uma delas. Para haver organização, é preciso que haja união, confiança, empatia. E para haver tudo isso, é preciso que eu me veja no outro.

Culturalmente, um Teatro de comunhão, construção coletiva, reflexão crítica e que seja ao mesmo tempo divertido, emocionante e feminista, não busca produzir um objeto fora de si mesmo, mas produzir algo dentro de si. Algo que fale de nossas experiências, vivências, realizações e potências. É importante pontuar, portanto, que é imprescindível que esse fazer teatral esteja articulado com as produções culturais locais, com o estímulo à escolarização, à profissionalização, geração de renda e com o respeito às tradições e religiões. Atualmente, o Teatre-se está em cartaz com um drama musicado, que apresenta uma colcha de retalhos de histórias vividas pelas integrantes do grupo.

Tais histórias passeiam por temas, como: objetificação, vaidade, pressão social, anseios profissionais, medos e desejos que atravessam a vida de qualquer menina jovem, ganhando um contorno ainda mais intenso no cotidiano das favelas cariocas. São histórias colhidas coletivamente em nossas rodas de conversa e jogos dramáticos e dialogam entre si, partindo sempre do ponto de vista feminino. Nossos espetáculos despertam um sentimento de orgulho, sororidade, empatia e esperança, a partir das vivências femininas e de como nossos saberes e fazeres nos forjam na luta, mas também na doçura, no talento para o recomeço e na alegria.

Seguimos no ofício de construir pontes entre nós, reconectando as mulheres mais jovens e as mais velhas, articulando o sentir, o pensar, o agir e o construir coletivo, pois como nos ensinou Augusto Boal, “atores somos todos. Todos somos Teatro. E cidadão não é aquele que vive em sociedade. É aquele que a transforma.”



A Arte e a Cultura Brasileira...



CORDEL DAS PRETAS  
(CRIAÇÃO COLETIVA)

Maria Carolina Carvalho Martini, Jéssica Policarpo,  
Mariana Probst, Rogério Snatus

## CORDEL DAS PRETAS

ESCUTEM ESSA HISTÓRIA  
PRESTEM MUITA ATENÇÃO  
VOZES DANTES SILENCIADAS  
NEGRAS DA REVOLUÇÃO  
NEGRAS VOZES SE FAZEM  
MULHERES SEM SUBMISSÃO!

MACHISMO OCIDENTAL  
QUER APAGAR A MEMÓRIA  
DAS NEGRAS QUE INSISTEM  
EM CONSTRUIR HISTÓRIA:  
LUTAR CONTRA RACISMOS.  
VENCER, JÁ É A HORA!

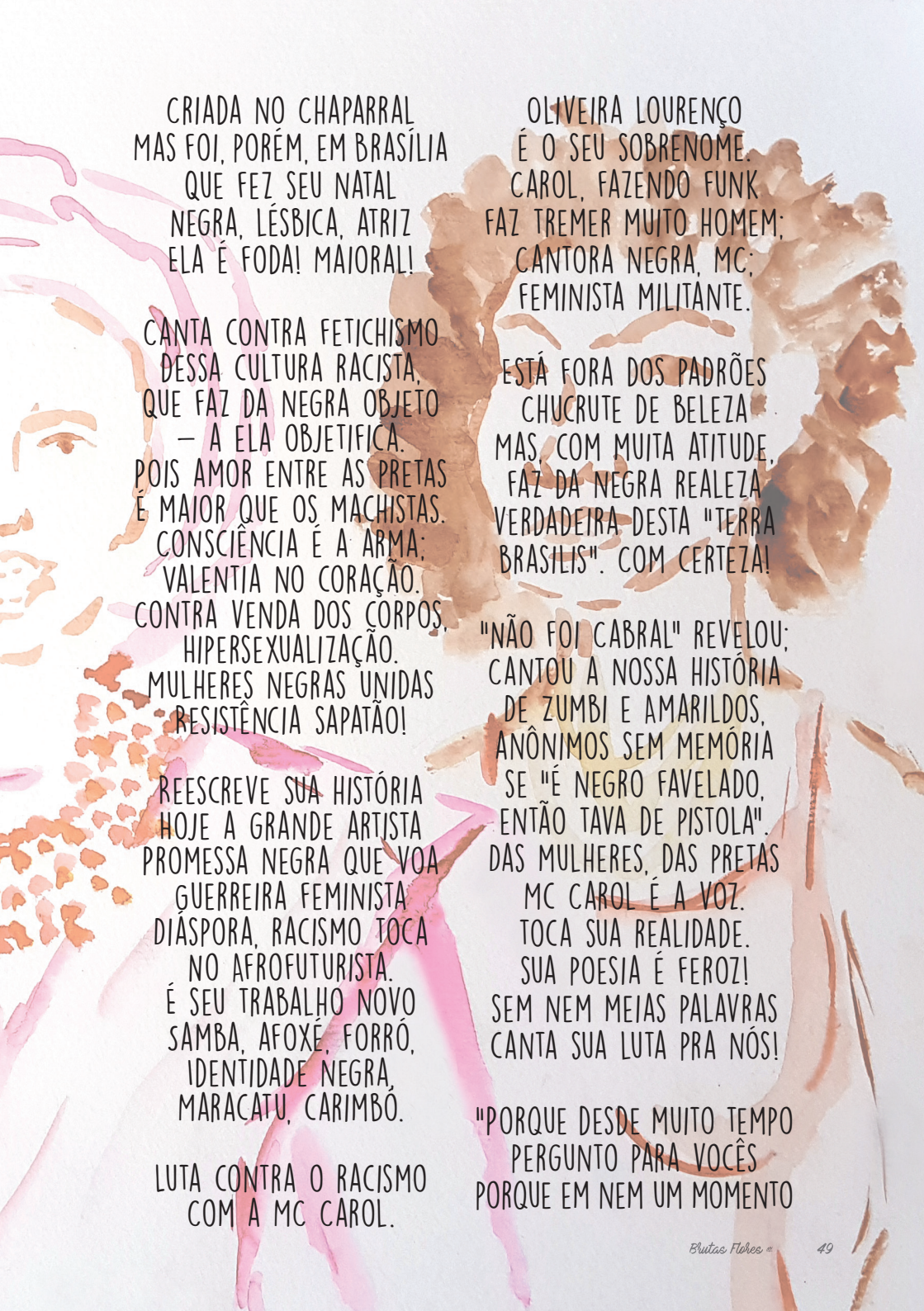
NA ÉPOCA DOS ESCRAVOS  
AS MULHERES DO DESTERRO  
NA CAPITAL DA PROVÍNCIA  
NÃO HAVIA NENHUM SEGREDO  
PRETAS FORRAS, OU ESCRAVAS  
PAGAVAM PELO ARREGO.

NA QUITANDA OU POMBIANDO  
MUITA REGRA, PROIBIÇÃO  
CÓDIGO DE POSTURAS  
PRA NUM TER AJUNTAÇÃO,  
CANTOS, DANÇAS, BATUQUES,  
NA ÉPOCA, PODIA NÃO.

RITA, ANA, CATHARINA  
ERAM AS PRETAS POMBEIRAS  
PAGAVAM PARA VENDER,  
MAS NÃO DAVA BOBEIRA,  
ERA NO MERCADO PÚBLICO  
QUE ENCHIAM SUAS CARTEIRAS.

GRANDE ERA MARIA MINA  
EX-ES CRAVA QUITANDEIRA  
POR 800 MIL RÉIS  
PAGOU ALFORRIA INTEIRA  
TRABALHOU PRA LIBERTAR  
— DINHEIRO ARMA CERTÊRA.

NEGOCIA PRA LIBERTAR  
SEU SOBRINHO MANUEL  
INDA PAGAVA POR MÊS  
\$200 ALUGUEL  
MARIA MINA MAESTRINA  
NEGRA DE TIRAR O CHAPÉU!  
TOMADAS AMAS DE LEITE  
ES CRAVAS, MULHERES, NEGRAS,  
EM QUEM CHICOTE ESTALA;  
"SUSPENDENDO AS SUAS TETAS"  
"... CANTANDO, GEME E RI..."  
VAZIAS ESTÃO "...BOCAS PRETAS"  
CANTA A ELLEN OLÉRIA



CRIDA NO CHAPARRAL  
MAS FOI, PORÉM, EM BRASÍLIA  
QUE FEZ SEU NATAL  
NEGRA, LÉSBICA, ATRIZ  
ELA É FODA! MAIORAL!

CANTA CONTRA FETICHISMO  
DESSA CULTURA RACISTA,  
QUE FAZ DA NEGRA OBJETO  
— A ELA OBJETIFICA.  
POIS AMOR ENTRE AS PRETAS  
É MAIOR QUE OS MACHISTAS.  
CONSCIÊNCIA É A ARMA;  
VALENTIA NO CORAÇÃO.  
CONTRA VENDA DOS CORPOS,  
HIPERSEXUALIZAÇÃO,  
MULHERES NEGRAS UNIDAS  
RESISTÊNCIA SAPATÃO!

REESCREVE SUA HISTÓRIA  
HOJE A GRANDE ARTISTA  
PROMESSA NEGRA QUE VOA  
GUERREIRA FEMINISTA  
DIÁSPORA, RACISMO TOCA  
NO AFROFUTURISTA.  
É SEU TRABALHO NOVO  
SAMBA, AFOXÉ, FORRÓ,  
IDENTIDADE NEGRA,  
MARACATU, CARIMBÓ.

LUTA CONTRA O RACISMO  
COM A MC CAROL.

OLIVEIRA LOURENÇO  
É O SEU SOBRENOME.  
CAROL, FAZENDO FUNK  
FAZ TREMER MUITO HOMEM;  
CANTORA NEGRA, MC;  
FEMINISTA MILITANTE.

ESTÁ FORA DOS PADRÕES  
CHUCRUTE DE BELEZA  
MAS, COM MUITA ATITUDE,  
FAZ DA NEGRA REALEZA  
VERDADEIRA DESTA "TERRA  
BRASILIS". COM CERTEZA!

"NÃO FOI CABRAL" REVELOU;  
CANTOU A NOSSA HISTÓRIA  
DE ZUMBI E AMARILDOS,  
ANÔNIMOS SEM MEMÓRIA  
SE "É NEGRO FAVELADO,  
ENTÃO TAVA DE PISTOLA".  
DAS MULHERES, DAS PRETAS  
MC CAROL É A VOZ.  
TOCA SUA REALIDADE.  
SUA POESIA É FEROSI!  
SEM NEM MEIAS PALAVRAS  
CANTA SUA LUTA PRA NÓS!

"PORQUE DESDE MUITO TEMPO  
PERGUNTO PARA VOCÊS  
PORQUE EM NEM UM MOMENTO

NEGRAS SE FALAM? (É VEZI).  
MINHA ARMA PENSAMENTO:  
VEJAM O JOGO DOS POR QUÊS?!

EM NOSSA LUTA DIÁRIA,  
QUEM DE NÓS MAIS SOFRE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

QUEM CHORA C'AS CRIANÇAS  
QUANDO A PM FAVELA SOBE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

DE QUEM O GRITO QUANDO ATIRAM,  
NOS FILHOS E AMARILDOS MORRE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

E A DOR, QUANDO NA PRENHA,  
SEM ANESTESIA, FAZ O CORTE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!  
NA VIRADA ANTIRRACISTA — DA UFSC  
DE QUEM O PLAYBOY A CARA COSPE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

PATROA TÁ COM PROBLEMA NA CASA,  
QUEM PARA ELA É QUE RESOLVE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

QUEM RESISTE E LUTA CONTRA  
MACHISMO, RACISMO COM A VALENTIA  
E A ALMA DA RAÇA FORTE?


É MULHER! É PRETA! É POBRE!  
QUEM COM TODA PRETA LÉSBICA  
A MULHER SE REALIZA E SENTE SORTE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

QUEM COM A HERANÇA ORAL  
PRESERVA A ANCESTRALIDADE,  
TECE NOVOS NORTES?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

QUEM TEM FORÇA E RESISTÊNCIA,  
LUTA COM GARRA E É NOBRE?  
É MULHER! É PRETA! É POBRE!

JÁ DIZIA A CAROL CONKA  
"SÃO PURO TOMBAMENTO."  
RESISTÊNCIA QUE NÃO PÁRA,  
SEGUEM NO AFRONTAMENTO.  
AS PRETA É SANGUINÁRIA,  
ARREGAÇA COM TALENTO.  
TODA PRETA É CAPAZ!  
POIS VIDA É PRA VALER!  
CONDIÇÕES MATERIAIS  
DIGNAS QUEREMOS TER.

SÓ COMEÇO, TEREMOS MAIS  
CONQUISTAREMOS O PODER!"  
NO SÉCULO XVII  
A RESISTÊNCIA CRESCIA,  
CONTRA A ESCRAVIDÃO



TAMBÉM PELA ALFORRIA;  
MULHER NEGRA LIDEROU  
CADÊ HISTORIOGRAFIA?

PRETA, FORTE, GUERREIRA,  
DANDARA ERA SEU NOME  
FAZIA QUALQUER TRABALHO  
NÃO SE SABE O SOBRENOME!  
APRENDEU CAÇAR, LUTAR  
CAPOEIRA COMO HOMEM.

LUTOU COM ARMAS CONTRA  
ESCRAVOCRATAS, GOVERNO  
DANDARA ERA O NOME DA  
LÍDER DO POVO NEGRO.

DOS INIMIGOS ALGOZES,  
LUTOU SEM PINGO DE MEDO.  
ZUMBI ERA COMPANHEIRO  
PALMARES A TERRA DA LUTA  
SÍMBOLO DE LIBERDADE.  
DANDARA E GAMGA—ZUMBA  
UMA VEZ SE ESTRANHARAM,  
MAS NÃO DEU EM CHAFURDA.

LIBERDADE PRO NEGRO  
DANDARA MUITO LUTOU.  
E A CIDADE DE RECIFE  
ELA E ZUMBI TOMOU  
NEM O VALE DO CACAU

DA GUERRA A RECUOU.  
NÃO TEVE QUEM DERROTE  
DANDARA NEGRA GUERREIRA  
NÃO QUERIA SER ESCRAVA,  
SE JOGOU NUMA PEDREIRA  
COVARDIA NÃO ACEITAVA.  
ERA GRANDE E VERDADEIRA!

TINHA OYÁ, IANSÃ  
DE NASCENÇA OU SE FEZ,  
DEU TODO O SEU SANGUE  
LIVRES, MUITOS ELA FEZ.  
DE PALMARES AO GANGES.  
SALVE DANDA! EPARREI!

QUATRO ESTRELAS NEGRAS  
FORTES GUERREIRAS DO POVO  
PRETO E DAS MULHERES  
A HISTÓRIA COM O NOVO  
PROVANDO MAIOR RIQUEZA:  
PRETA VALE MAIS QUE OURO!!!



A Arte como autonomia...



## Lisiane Niedeberg

Mulher, negra, gaúcha, periférica, militante e educadora. Especialista em Educação para a Diversidade na UFRGS. Licenciada em Letras Português/Francês na FURG. Coordenadora do “Projeto Desvendando os problemas sociais”, no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Proprietária da marca de tecidos africanos “Desvendando estilos”. Ministra palestras sobre educação antirracista. Experiência em projetos com mulheres e adolescentes em situação de privação de liberdade. Pesquisadora no grupo de estudos “Escritas do Corpo Feminino”, nas Literaturas de Língua Portuguesa - UFRJ

## Relato de experiências do "Projeto Desvendando os problemas sociais" na socioeducação e sistema prisional

Eu sempre tive um sonho, e esse sonho era trabalhar num presídio, talvez pela minha realidade periférica ou por ter familiares que passaram pela socioeducação e sistema prisional, ou pela minha adolescência embalada por músicas dos Racionais MC's, ou por achar que a minha trajetória preta e turbulenta numa universidade pública no curso de letras deveria ser uma devolutiva aos meus, ou por salvos 15 minutos que fui almoçar e não vi meu primo ser morto por traficantes - pelo sistema, ou por consciência racial desde pequena, ou por tudo isso que relatei e mais o que minha memória insiste em não mostrar. Pedi de presente para minha mãe, aos 18 anos, que eu pudesse visitar meu primo no presídio e depois de tanto pensar ela deixou. Lá estava eu naquela fila junto com a minha tia/madrinha e centenas de outras mulheres negras. Eu nunca me esquecerei da imagem daquelas mulheres negras cheias de sacolas, desde a madrugada na fila, gastando o dinheiro que visivelmente não tinham para visitar seus filhos e seus maridos. Então, talvez esse dia eu tenha feito um pacto inconsciente com aquelas mulheres, eu não estaria ali todas as quartas e domingos, mas de alguma forma eu tentaria amenizar o sofrimento de outras mães e esposas. E assim começa a caminhada para contribuir com outros sonhos para levar um pouco de esperança, motivação e educação.

Minha primeira experiência foi na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE), em Porto Alegre, no ano de 2009. Meu primeiro trabalho remunerado na minha área, em um projeto que só tinha quatro meses de contrato, mas foi uma experiência inexplicável. Tenho várias lembranças de lá e uma delas foi ter trabalhado com a música "Um homem na estrada", dos Racionais MC's, porque os educandos odiavam as matérias da apostila que seguiam única e exclusivamente a norma culta e a gramática tradicional. Eu tinha um ex-educando que me desafiava dizendo que não queria estudar tanto como eu, porque ele achava que eu trabalhava demais, sendo professora pela manhã e tarde e garçonete, à noite e, ainda assim, certamente, ganhava menos que ele no tráfico. Ainda com pouca experiência, eu argumentava e dizia que acreditava que iríamos vencer. Meses depois, encontrei-o por duas vezes. Na primeira vez, me encontrou no samba e chamou para dizer que estava estagiando numa loja; na segunda vez, no centro da cidade, num banco. Só ele e eu sabíamos a importância daquela conversa, só nós dois. Nesse tempo ainda não existia o "Projeto Desvendando os problemas sociais", ainda era o engatinhar de ideias e ideais.

### **"Projeto Desvendando os problemas sociais":**

As duas experiências que serão relatadas se consolidam, ganham visibilidade e premiações, a partir da metodologia de um projeto social que foi o meu TCC da Especialização Educação para a Diversidade na UFRGS, intitulado "Projeto

Desvendando os problemas sociais – rolezinho educativo”. O “Projeto Desvendando os problemas sociais” tem o intuito de discutir educação antirracista e direitos humanos com alunos e professores de escolas públicas e particulares. É um projeto voluntário que recebe ajuda de seguidores das redes sociais para se manter. Esse projeto teve início em agosto de 2013, no Rio Grande do Sul, e seguiu de forma itinerante no Rio de Janeiro e no Sul, através de palestras, em que relato as atividades do projeto e histórias do povo negro.

### **Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier, em Porto Alegre – RS:**

De agosto de 2015 a agosto de 2017, trabalhei na Escola NEEJACP Julieta Villamil Balestro, localizada no Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier, como professora efetiva da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, com as disciplinas de língua portuguesa e literatura e, posteriormente, com a área de linguagens. Somente educandas que tinham interesse em estudar se matriculavam na escola. Eu era responsável pelas turmas de ensino fundamental e médio dos três turnos e não havia divisão de séries. As atividades do “Projeto Desvendando os problemas sociais” sempre destacavam a importância da aproximação entre alunos e professores. A intelectual negra Bell Hooks, em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, corrobora que a educação tradicional não proporciona um aprendizado efetivo, não liberta, quando diz que “a pedagogia engajada, em algumas de suas versões, é o único tipo de ensino que realmente gera entusiasmo na sala de aula, que habilita os alunos e os professores a sentir a alegria de aprender.” (2013, p. 269)

Eu conversava muito com as alunas sobre as minhas rotinas diárias, sendo assim, elas sabiam que eu tinha alguma experiência em dança e que eu fazia algumas aulas também. Nesses diálogos eu percebi que a dança era algo que as motivava e comecei a trazer a prática da dança para a sala de aula, junto com letras de músicas, vídeos e textos que pudéssemos trabalhar com a interpretação textual. É importante destacar que sempre era dado foco as personalidades negras invisibilizadas historicamente e tão importantes para a formação da dança brasileira.

Pelo menos 10 minutos iniciais da aula eram dedicados a danças como: pagode, samba no pé, forró, funk, sertanejo, salsa e batchata. A atividade chamou-se “Mulheres no cárcere desvendando a dança”. Como eu já vinha trabalhando com músicas que tinham letras de empoderamento de mulheres, como o samba de Elza Soares e o funk de Carol Conka, as discentes já estavam acostumadas com uma aula menos tradicional. Sempre mostrava vídeos e fotos de eventos de dança que eu participava como, por exemplo, com o Carlinhos de Jesus e os professores do evento Gafieira Brasil, que ocorre no Rio de Janeiro, e reuni dançarinos de todo o Brasil. As alunas ficavam muito curiosas em saber mais sobre esses profissionais que elas viam somente pela televisão e eram estimuladas a falar de suas experiências com a dança, nas turmas tinham várias mulheres que já tinham dançado algum tipo de ritmo musical e uma ex-passista.

Em diversos momentos estudamos a importância de fazer atividades físicas e o quanto isso era importante para a saúde. Depois de algumas aulas, as discentes disseram que estavam ensinando dança para as mulheres que dividiam as celas com elas e que não frequentavam a sala de aula. Nas redes sociais sempre fazia relatos, sem exposição das detentas, sobre as atividades das aulas e informava que se algum profissional da dança quisesse dar uma aula no presídio poderíamos tentar uma liberação. Sendo assim, a professora de dança de salão Mara Nunes, com o intuito de apresentar o samba de gafeira e falar de como surgiu essa dança da cultura negra, fez um workshop na escola. E conforme relatos das alunas, numa conversa no final do workshop, foi o dia mais feliz dentro daquele espaço prisional. Elas dançaram, riram e, no final, nós todas abraçadas choramos. Foi um misto de emoções. De fato, dançar liberta e fez com que as alunas perdessem o medo da língua portuguesa.

### **Departamento Geral de Ações Socioeducativas Degase no Rio de Janeiro - RJ**

No dia 1º de setembro de 2017, iniciei as minhas atividades no “Emancipa Degase – Educação Popular”, na cidade do Rio de Janeiro, como professora voluntária de Língua Portuguesa. No primeiro dia, como em todas as minhas aulas, eu me apresento e logo após, pergunto quantos negros tem sala de aula para começarmos, aos poucos, a desvendar as histórias negras. Gostaria de salientar que as turmas eram majoritariamente constituídas de alunos negros, o que faz com que precisemos repensar o lugar do negro na sociedade. Com o intuito de apresentar aos adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa uma literatura negra, o primeiro livro trabalhado foi o de poesias “Pra existir, é preciso resistir”, da slammer Patrícia Meira. A poesia escolhida foi “Favela”, a qual os adolescentes gostaram muito e pediram para que eu lesse mais, então foi inevitável ler a poesia “Prisão”. É extremamente necessário mostrarmos a eles algo que possa trazer identificação e a autora, na simplicidade do seu livro, que foi impresso em folhas recicladas e é vendido de forma independente, traz muito das nossas realidades de pessoas vindas da periferia.

A primeira pergunta feita pelas duas turmas que eu tinha no Degase foi se eu já tinha morado em favela e demonstraram a importância de saber que eu também vim desse lugar, isso denota aproximação e identificação. Pedi que fizessem desenhos para entender como eles iriam traduzir as poesias e pela escrita do nome começar a investigar quem era alfabetizado ou não. Conversei com eles que sempre decidiríamos juntos os textos, livros e músicas que iríamos utilizar em sala de aula. E a decisão foi que na segunda aula estudaríamos a música “Um homem na estrada”, dos Racionais MC’s. Por ter apenas uma hora de aula por semana, com as duas turmas, precisei de algumas aulas para cantarmos a música e interpretarmos. A participação dos educandos na interpretação da música foi importantíssima para atingir o objetivo de aproximar realidade,

desenvolver senso crítico e para interpretação textual. No decorrer das aulas fui apresentando outras atividades como o “Desvendando a leitura”, essa atividade é permanente no projeto, porém no Degase não tínhamos livros e nem espaço para guardá-los.

Comecei uma campanha nas redes sociais pedindo livros a partir dos gostos dos adolescentes, eles pediram gibis e eu acrescentei nesse pedido o livro “Na minha pele”, do ator Lázaro Ramos. Consegui as doações e toda semana levava os gibis em sacolas para eles lerem, esse era um momento de leitura livre. Depois de 15 minutos de leitura, eu lia em capítulos o livro do Lázaro Ramos, o qual os alunos gostavam muito e, conseqüentemente, faziam relações de suas vidas com a trajetória do autor, a interpretação era o mote principal dessa atividade. Durante o período de aula, eu mesclava atividades para não se tornarem cansativas, mas havia um aluno que me disse que não gostava de ler, então perguntei do que gostava e então disse que era de fazer malabarismo. Na outra semana levei limões para que ele fizesse malabarismo e, desde esse momento, a aula também tinha um espaço para que ele e outros alunos nos ensinassem a fazer malabarismo.



No dia 09 de novembro após mais uma aula eu escrevi essa poesia e guardei:

## A educação do limão a uma limonada

AS QUINTAS SE TORNARAM O DIA DO LIMÃO  
DIA DE FAZER DA EDUCAÇÃO UM LIMÃO E UMA LIMONADA  
DIA DO PROJETO DESVENDANDO OS PROBLEMAS SOCIAIS  
DIA DE PASSAR NA FEIRA ÀS 7H DA MANHÃ PARA PEGAR LIMÃO FRESCO  
DIA DA SOCIOEDUCAÇÃO, DIA DE RESSOCIALIZAÇÃO,  
DIA DE AULA NO DEGASE  
DIA DE FAZER MENINO SORRIR  
E DIZER PARA A PROFESSORA COM OS OLHOS BRILHANDO  
QUE NÃO VÊ UM LIMÃO HÁ MUITO TEMPO  
DIA DE RELEMBRAR QUE A EDUCAÇÃO MOVE MONTANHAS  
DIA DE FAZER MALABARISMOS COM LIMÕES  
EM PLENA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA  
DIA DE TRAZER ESPERANÇA PARA ADOLESCENTE,  
CONSEQUENTEMENTE PARA FAMILIARES  
E PARA ESSA SOCIEDADE QUE NEM ACREDITA NELES  
DIA DE LEITURA DE LIVROS E GIBIS NA ATIVIDADE  
DESVENDANDO A LEITURA  
DIA DE LER MAIS UM CAPÍTULO DO LIVRO DO LÁZARO RAMOS,  
NÁ MINHA PELE...  
DIA DE PROFESSORA DAR RISADA E DIZER  
QUE VAI APRENDER MALABARISMO COM OS ALUNOS  
E NESSES DIAS SIGO SENDO UMA PROFESSORA FORA DA CAIXA...  
MAS ALGUMAS VEZES ESCUTO SUSSURROS  
QUE MINHA AULA NÃO É DE PORTUGUÊS  
E NESTE DIA DECLARO QUE MINHA AULA NÃO É DE LÍNGUA PORTUGUESA  
É AULA SÓ DE AMOR MESMO!

Foram sete meses de um convívio inexplicável desde as diferenças nos nossos dialetos do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro e outros lugares, até as gírias de cada favela. Das risadas aos pedidos de doces, das dores de não receberem visitas e tudo mais que o sistema proporciona, das lembranças felizes e tristes, da esperança de poder recomeçar.

O “Projeto Desvendando os problemas sociais” mostra que “os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente” (Bell Hooks, 2013, p.63). Isso não é diferente na socioeducação e no sistema prisional, não importa a idade, existe uma sede de conhecimento, de se verem representados, de protagonismo e uma esperança de mudar a suas vidas.

A ressocialização é importantíssima e a educação pode contribuir para que tanto os jovens como os adultos no cárcere voltem ao convívio social com autonomia, munidos de conhecimento, sabendo de seus direitos através de uma educação voltada para a diversidade. Porém não devemos jamais esquecer que as condições de onde dormem, comem e fazem a higiene; o abalo psicológico de estar nessas condições; o histórico de suas vidas; fazem com que muitas vezes esses jovens e adultos nem consigam levantar da cama e ter vontade de ir à escola ou participar de um projeto. É urgente repensar a estrutura, é urgente assegurar as vidas de quem está no cárcere.

*A palavra mais utilizada em textos, desenhos e falas é a palavra “Liberdade”.*

## Libertem-os!



A Arte como superação...



### Artur R. Batista Henrique

Doutorando em História pela UFRRJ - Seropédica - RJ, tese com ênfase em História social e cultural; Mestre em História do Brasil - UNIVERSO Niterói RJ; Graduado em História pela FASM - Muriaé MG. Tem o foco de sua produção na História da música erudita desempenhada por pardos e negros no Rio de Janeiro vinculada à arte e sociabilidade como resistência da cultura escrava nos séculos XVIII e XIX. O objeto de estudo principal cerceia a ascensão do padre José Maurício Nunes Garcia e as adaptações do panorama artístico do Rio de Janeiro.

# A ARTE DE SUPERAR A SI MESMO

## "Teatro no NOVO Degase: uma análise em História Social"

O poder social da arte é um dos fatores que motivam essa produção, sobretudo pelas ações sociais que promovem o resgate de vidas e trajetórias pelo teatro. O ensino das artes cênicas no Novo Degase é uma ação inovadora que visa a (re)socialização, o entretenimento e a descoberta de novos talentos. A arte tem o poder de transformar vidas, mudar trajetórias incondicionalmente, entretanto, tais ações demonstram eficácia substancial e constante ao longo de sua aplicação para as periferias, em comunidades e para a população que se encontra em situação de risco social. Nesse tocante, Paulo Freire explica que a mudança é possível pela educação, mediante a cultura, não obstante à política, principalmente em ambientes marcados pela traição ao direito de ser: *“Não sou apenas o objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar”*<sup>8</sup>.

Nesse sentido, contrariar o destino previsível de trajetórias que estigmatizadas pela violência ou miséria e expor sua superação, não é um ato de rebeldia, mas de superação e justiça social. A aplicação da Arte no Novo Degase abarca a esperança de que novos rumos poderão ser trilhados a partir do contato e experiência, as sementes são lançadas para que em um momento próximo e oportuno, a sociedade possa colher os frutos de tais ensinamentos. O Teatro trabalha a sensibilidade emocional pela expressão artística, o reconhecimento do sujeito, o corpo, a subjetividade, a coordenação motora, facilitando a sociabilidade e interatividade dos educandos. Essa ação tem sido trabalhada frequentemente pelas Organizações Não Governamentais (ONG's) que promovem ações coordenadas para auxílio e benefício da população em situação de risco social em todo o Brasil. Em atenção a essa demanda, o Instituto Terra Nova desenvolve um expressivo trabalho no fortalecimento do vínculo social educativo que implementa a formação de atores sociais para o mundo cultural e mais que isso, articulam junto aos adolescentes e jovens que cumprem medidas socioeducativas, práticas educadoras que auxiliam no despertar da consciência desse público para que se movam, se articulem,

<sup>8</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996. PP. 76-77.

<sup>9</sup> Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH). Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo-SINASE. Brasília-DF:CONANDA, 2006. In ARAÚJO, Allana de Carvalho; PAIVA, Ilana Lemos de; BEZERRA, Marlos Alves. *O Teatro do Oprimido no Atendimento educativo. Experiência de Teatro em psicologia*. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA – São Luis do Maranhão – MA. 2015. P.1.

<sup>10</sup> ARÉAS, Luciana Barbosa. *A Redenção dos operários: O primeiro de Mario no Rio de Janeiro durante a República Velha*. 1996

Campinas, Dissertação de Mestrado em História. Unicamp. 1996

<sup>11</sup> AZEVEDO, Arthur. *O Teatro*, a notícia, Rio de Janeiro, 08/03/1906. In: NEVES, Larissa de Oliveira e LEVIN, Orna Messer. (Orgs). *O Teatro, Crônicas de Arthur Azevedo*. Campinas. Editora da Unicamp. 2009. Este livro faz parte de um projeto patrocinado pela Petrobrás e reuniu crônicas de Teatro, de Arthur Azevedo publicadas semanalmente, entre 1904 e 1908, no diário A Notícia, as crônicas se encontram em CD-Rom anexo ao livro

se reconheçam como cidadãos com possibilidades iminentes de serem atuantes na sociedade em que interagem e que sejam detentores e construtores de sua própria História, em uma atitude revolucionária de resgate e ressocialização. Tais fatores são o principal objetivo das ações socioeducativas estimuladas pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) que decretam atividades pedagógicas e artísticas para juventude:

As ações socioeducativas devem exercer uma influência sobre a vida do adolescente, contribuindo para a construção de sua identidade, de modo a favorecer a elaboração de um projeto de vida, seu pertencimento social e o respeito às diversidades (cultural, étnico racial, de gênero e orientação sexual), possibilitando que assumam um papel inclusivo na dinâmica social e comunitária. Para tanto, é vital a criação de acontecimentos que fomentem o desenvolvimento da autonomia, da solidariedade e de competências pessoais relacionais, cognitivas e produtivas.<sup>9</sup>

Em análise a essa consciência social ligada a arte, busca-se com esse artigo pesquisar a origem dessas ações no Rio de Janeiro para afirmar a contribuição histórica social para a cidade. Nesse aspecto, encontramos nos ambientes urbanos ações sociais que visam a ajuda mútua para a formação de equipes de teatros em movimentos para a expressão da realidade oriundas do operariado no Rio de Janeiro, no início do século XX. Essas atividades estavam intensamente ligadas a luta social dos trabalhadores que se reuniam em movimentos de ajuda mútua para a prática teatral, o que revela não somente a percepção social, mas também uma origem periférica urbana. Essa informação afirma que ações populares ligadas ao teatro estão intimamente ligadas aos meios urbanos como expressão social e que caminham concomitante ao movimento de trabalhadores. Logo, é uma ação que promove a sociabilidade comprometida com as lutas de classe em representação de trajetórias, histórias e conceitos para a população.<sup>10</sup> Nesse tocante, Arthur Azevedo reitera: “No Rio de Janeiro, o Teatro foi sempre considerado gênero de primeira necessidade, figurando no orçamento do rico e do pobre”<sup>11</sup>. Para além da perspectiva democrática, as artes cênicas sempre tiveram o compromisso social de denunciar os problemas civis, logo abarca a lucidez e a conscientização a partir da dramatização do cotidiano. Essa ênfase vigora como característica da arte desde o princípio até a atualidade desta arte com veículo de expressão social, que critica e contextualiza os temas do dia a dia, portanto é uma prática artístico-cultural que está no centro da sociedade para expor uma reflexão ou ideia crítica sobre um determinado contexto. Nesse sentido, na cidade do Rio de Janeiro, o periódico ainda no século XIX, traz uma nota contundente:

O teatro é a melhor tribuna, a melhor escola para combater e mostrar os vícios que corrompem uma sociedade. Por ele discutem-se os mais difíceis problemas, e com vantagem, porque impressiona com arte o espírito do espectador, apresenta-nos sob a forma ridícula o vício, o perigo a que se expõem os que optam por semelhante mal, e discrimina as boas ações, os pequenos defeitos de educação de um povo e os próprios costumes que o orlam, dando uma perfeita fotografia dos elementos sociais, e são tratados pela escola contemporânea pelo drama e pela comédia.<sup>12</sup>

Essa característica presente nos teatros cariocas demonstra a arte como forma de resistência e luta social, que traz ao grande público os principais problemas a propiciar elucubrações de ideias em vista de uma possível solução, a partir do campo artístico para os meios sociais. Tal conjuntura torna importante a interdisciplinaridade com a área pedagógica e por ser de cunho social, o teatro se faz pertinente para as lides com as populações expostas à fragilidade, como os jovens e adolescentes internos nas unidades do Degase. De acordo com Penna, “é preciso pensar como superar barreiras que separam a arte e os jovens de classes menos favorecidas”.

Nesse sentido, as ONGs possuem uma expressiva representação, sobretudo na socioeducação, em que a superação das infrações e a reintegração dos atores sociais em destaque são os principais objetivos institucionais. O papel da humanização para os internos e o contato com a sociedade ameniza os impactos da realidade em que a maior parte foi obrigada a conviver, os meios da violência e criminalidade. As políticas públicas de acessibilidade e as ações sociais atualmente são a esperança e o apoio que movimentam a socioeducação e o resgate de vidas, principalmente no Novo Degase por meio da arte, sobretudo o Teatro. Tal ação pedagógica tem obtido sucesso nítido no aumento da autoestima dos jovens, levando-os a reconhecer suas próprias limitações e as dos outros, corroborando para a integração do grupo e, principalmente, possibilitando-os perceber e considerar o outro como pessoa contribuinte para sua formação e desenvolvimento enquanto cidadão e ser que se move dentro de um conjunto de regras sociais pré-estabelecidas. Portanto, fazemos uníssono a nossa voz as palavras libertárias de Paulo Freire que a educação resgata vidas, em preservação da raiz popular e legitimação da eficácia das ações socioculturais para a juventude, principalmente a que se encontra num novo processo de aprendizagem, descoberta e humanização, como ocorre no Novo Degase.

---

<sup>12</sup>

O Espectador, Rio de Janeiro, ano III, nº 17, 08 de julho de 1883

<sup>13</sup>

PENNA, Violeta Vaz. Oficinas de Dança em Projetos Socioculturais: experiências estéticas e educativas de jovens e professores. Belo

Horizonte, 2011, 177ls. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. In SILVA,

Fernanda Roberta Lemos. Sentidos atribuídos à oficina de Teatro em centros socioeducativos. Revista de Ciências HUMANAS, v. 48, n. 1, pp.

35-54, abr. 2014. P 37.



A Arte como denúncia...



### Raphael Calazans

Nascido, criado, forjado na extensão dos Complexos da Penha e do Alemão, formado no seio da militância política, cultural e dançante das periferias do Rio de Janeiro. É Assistente Social, com atuação no Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e outras drogas, em São João de Meriti, município da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Dedicar parte do tempo refletindo sobre cultura, violência e os territórios criminalizados da cidade e, na outra, busca coletivizar e integrar ações, coletivos e grupos que se colocam na contramão de qualquer onda desumanizadora da vida, mesmo quando elas parecem invencíveis e intransponíveis.

## um bilhete escrito ao som de funk: Não apagam nossas memórias, nem a paz, nem a guerra

O Rio de Janeiro, para alguns, ainda encerra em si os versos de “Cidade Maravilhosa”. Solo do qual brotaram dezenas de artistas, músicos e personalidades públicas que contribuíram para fixar no imaginário social a “cidade maravilhosa”, patrimônio cultural e nacional. A beleza da cidade estampada nas mais diversas mídias de comunicação, bem como o enaltecimento da pluralidade sociocultural da cidade, são a todo tempo elevados ao posto de símbolos legítimos da vida carioca. No entanto, ao lado desta suposta “Cidade Maravilhosa”, ergue-se, com igual ou maior velocidade, outro território ou, para citar o livro *Cidade partida*, do jornalista Zuenir Ventura, a outra parte da cidade: as favelas se colocam cada vez mais como espaços constitutivos da cidade. Qualquer movimento, por mais vigoroso que seja, de lançar sobre essas comunidades uma manta de invisibilidade, parece ineficiente, tamanha a consistência da afirmação destes locais no Rio de Janeiro. Especificamente na cidade carioca, as fronteiras divisórias da “cidade partida” parecem não ser facilmente percebidas, uma vez que os limites entre “morro” e “asfalto”, por vezes, se configuram numa rua ou, até, numa escadaria. Por isso, naturalmente os conflitos entre esses dois “vizinhos” que convivem tão próximo ganham intensidade e os acirramentos aumentam. As frequentes matérias nos diversos veículos de comunicação, cujo espaço dedicado às favelas aparentemente são exclusivamente as páginas policiais, bem como os já cotidianos confrontos armados entre a polícia e o comércio varejista de drogas que atua nas comunidades de baixa renda, acabam por disseminar o medo do “terror” que reside nas favelas. Por essa razão, comumente, pode-se extrair das discussões informais, falas como: “na favela só tem bandido”, “comportamento de favelado”, “cuidado quando passar perto da favela”, “as mulheres das favelas são fábricas de marginais”. Desta forma, é razoável concluir que a produção midiática do medo das comunidades de baixa renda, endossadas por uma política de segurança pública estritamente constituída pelo combate direto e o policiamento ostensivo, configura um conjunto de ações que denominaremos aqui de “criminalização da população pobre”, cujo fim parece ser expurgar as comunidades de baixa renda e, por decorrência, suas manifestações, quer sejam culturais, quer sociais, sobretudo por intermédio da repressão. Nesse sentido, entende-se o processo de criminalização do funk como subproduto do processo de criminalização da população empobrecida. O mesmo processo de estigmatização e criminalização que recai sobre a população pobre e destituída de direitos, atinge o movimento funk, haja vista que ele significa muito mais que um mero balanço musical, traduzindo, com efeito, o modo de vida de uma parcela numerosa

da juventude favelada carioca, que pode ser identificada pelo neologismo funkeiro. Neste contexto, o presente artigo parte da hipótese de que os múltiplos episódios de proibições, censuras e perseguições, verificados no decurso da história que o ritmo inscreve no Rio de Janeiro, são efeitos coerentes da conjuntura engendrada pelo estabelecimento da substituição do Estado Providência para o Estado Penal (WACQUANT, 1998) resultante, em última análise, dos efeitos perversos que as políticas neoliberais endereçam para as questões sociais no Brasil. Em suma, apreende-se aqui a severa criminalização que o funk tem experimentado – escancarada nos preconceitos, difamações e punições recorrentes – como espelho e fruto da “criminalização da população pobre”, uma vez que o funk carioca tem um berço bem definido: as favelas do Rio de Janeiro. E uma cor de pele historicamente massacrada: a preta.

Contudo, interessa-nos refletir não apenas sobre a ação dirigida aos territórios criminalizados da cidade e os inúmeros processos de silenciamento e extermínio das expressões, vivas e simbólicas, das juventudes que moram nesses espaços. Mas de revelar a força de resistência, dura e contraditoriamente apaixonante e dançante, que escancaram nos ouvidos dessa cidade a história narrada por aqueles que cotidianamente constroem sua sobrevivência nas favelas. Pensamos o território enquanto uma rede de potencialidades afetivas e afirmativas de direitos. Pensamos o território como cultura que se expande para o centro derrubando não só o “muro” que divide o morro do asfalto, a saber o racismo, como também abraça a “cidade” em seus bailes e ações nas redes sociais, midiativistas. Em suma, o Funk como grito e memória de histórias de milhares de vidas negras e pobres que teimam em (re)existir.

### **Pacificação: A pomba branca da paz, como símbolo da morte de inúmeras outras negras, no Complexo do Alemão.**

Devido às limitações impostas pela complexidade do tema, que de longe não se esgota nesse pequeno texto, cumpre-nos fazer um recorte histórico de análise. Para isso, partiremos da discussão das Unidades de Polícia Pacificadora, que completam este ano sete anos de ação dentro também de um território específico, porém com fina importância para este autor: o Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro.

Para isso, partiremos do ano de 2015, quando se completou quatro anos da invasão militar ao conjunto de favelas dos complexos do Alemão e da Penha e que tiveram números expressivos de mortos em confrontos abertos e permanentes, especialmente num contexto em que a Pacificação era o mote dessa política. Assim, passados esses quatro anos permanecia nebulosa e complexa uma análise da conjuntura que leve em consideração as mudanças nas políticas e abordagens por parte da (in)segurança pública como também as metamorfoses nas dinâmicas dos movimentos de resistência local.

Diante disso, penso ser fundamental compreender a conjuntura violenta do projeto de pacificação no território, a partir de marcos históricos que explicitam, a meu ver, dois momentos amplamente distintos dessa fase. A saber: os primeiros dois anos de aparente vitória e consagração do projeto de pacificação e a outra metade da fase terminal das UPP'S e seu desmoronamento, cujo reflexo é a extensão e multiplicação de violações ininterruptas dos direitos humanos.

A espetacularização da entrada das tropas militares no Complexo do Alemão, em dezembro de 2010, indicou sob qual areia iria se sustentar o castelo erguido de uma favela que durante anos havia ostentando o símbolo e a condição de ser quartel general máximo da maior facção criminosa da cidade. Há quem diga, e eu concordo, que o Complexo, a priori, não fazia parte da lista de favelas a serem pacificadas. Lista essa que se associa aos corredores que passariam dezenas de milhares de turistas para brindar o Rio como cidade mercadoria dos megaeventos. Contudo, dominar o Complexo do Alemão seria o ápice da nova face do grande “Pacificador”, o governo Cabral. Além de simbólico, a tríade já naqueles tempos anunciada se tornou durante dois anos a blindagem aparentemente “infrável” da glamourização de uma paz assassina: a mídia (incluindo uma telenovela), alguns atores sociais locais que atuavam na chamada “mediação de conflitos”, o que, na verdade, significava negociações e zelo pelo pacto da harmonia e a polícia ostentando a presença do Estado garantidor de direitos. Ou seja, coerção e consenso costurando a militarização de políticas sociais, direitos, da vida e da própria paz!

Esse triângulo até certo ponto foi competente no freio e dissimulação da barbárie latente e perigoso. Casos de violações nunca deixaram de existir, ao contrário, se multiplicavam, contudo não resistiam e não tinham forças para polemizar com o trem esmagador da pacificação, o qual, diante dessas casas não só os isolava, como o resolviam pelo método mais antigo da relação Polícia-favela: matar sem direito à voz.

Como cedo ou tarde já se previa, a bolha que isolava o castelo de areia indicava que iria estourar. Por todas as partes, irrompia movimentos de resistência e denúncias (aqui cumpriu papel central a internet e o ‘midialivrisimo’), que ocuparam o território com ações culturais, denúncia dos abusos e violações e articulações coletivas diante da tragédia das chuvas de dezembro de 2013, em que dezenas de família perderam absolutamente tudo que possuíam.

Paralelo a isso, a mediação entre Estado formal (polícia) e Estado informalizado (varejo de drogas) começou a sofrer uma série de desgastes os quais são impossíveis de serem tratados em poucas páginas. Essa fragilização acelerou a já insustentável crise das unidades de Polícia Pacificadoras que, pela primeira vez, sentiram-se acuadas diante da resistência do comércio de drogas locais.

Assim, tiroteios, perseguições, desaparecimentos, sequestros, arma, tudo aquilo que aparentemente foi jogado para escanteio, voltaram

a ser cotidianamente e dramaticamente comuns na vida social do Complexo do Alemão. Ao ponto que a mídia que, durante dois anos, piedosamente, cumpriu o papel da produção do consenso da paz, viu-se obrigada a anunciar o que para moradores, articuladores e parceiros que atuavam no território tornou-se agenda do dia: “entra em crise o projeto mais audacioso, espetacular, porém absolutamente frágil e mentiroso das Unidades de Polícia Pacificadora do Alemão.”

Contudo, importa dizer que essa crise terminal que sustento está longe de representar o fim da UPP no território. Pelo contrário, tem-se observado o endurecimento dos confrontos abertos, a extensão das violações dos direitos humanos que abrangem até os militantes locais os quais vêm sofrendo uma série de ameaças e perseguições e a proibição do direito fundamental a circulação, aos becos e ao lazer e a cultura, como a dos Bailes funks.

Resulta disso que, somente no ano de 2015, entre militares e moradores haja um número de 17 mortos e cerca de 45 feridos, totalizando, até o presente momento mais de 50 pessoas atingidas pelo furacão em crise que agudiza o Estado penal, fixando as favelas como território de exceção.

No entanto, para finalizar, é importante apontar a continuidade, corajosa e destemida, de movimentos que se colocam no contraponto da crise. Inventando formas de atuação, articulação de modo que, ao menos, a sobrevivência da favela seja mais uma vez garantida. E isso quer dizer, a permanência dos bailes, da vida, das relações solidária contra a mercantilização dos espaços locais. Diante do que coloco como crise terminal das UPP's e suas refrações de barbárie agudas no território, nossa alegria é informar que ainda há braços, ombros e vozes para lutar, resistir e cantar.

**Funk: Em nosso nome, por nossa memória. Toda vida na favela importa, canta e dança!**

Se há um ponto de acordo, entre quem mora, quem pesquisa, quem luta, quem dorme, quem silencia, ou quem constrói e até aqueles que destroem, a vida em favela é esse: o vai e vem da vida, aqui, tem como marca a provisoriedade e a potencialidade. Dito por um professor: a dor e a alegria. Já por uma dupla antiga de Mc's: “A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado”.

O ritmo da vida, é provisório, intenso e feliz, como a Joaquim de Queiroz, no Alemão, ou a via Ápia da Rocinha: cheia de gente, cheia de vida, cheia de gritos, mas também, às vezes, vazia, triste, terrivelmente calma e silenciosa. Ora, como num espaço como esse, há possibilidade de construção e afirmação de memórias?

Durante muito tempo acreditei que a casa da memória, era como um antigo barraco, na ponta de um morro, calmo e frio: memória era aquilo do passado que fica congelado. É sempre o que foi. Quem já fui. Aquilo que fomos ou o que morremos. A memória tinha a cara de museu:

espaço em que quadros, objetos, fotos, vídeos e músicas, despertam a emoção da lembrança.

Sendo assim, a memória precisa de um tempo estático: passado. Um lugar calmo. Um rosto sério ou, no máximo, com um sorriso metade triste, metade saudoso. E um tempo verbal: o pretérito, melhor dizendo, a vida que, como o último trem, partiu e não voltará mais. A memória, assim entendida, é o que desperta a lembrança e a congela e a guarda nos museus: sejam eles os clássicos, com os dinossauros, sejam os modernos com os vídeos, roupas e barracos.

Nesse sentido, como falar em memória num lugar extremamente fugaz, transitório, que engole o passado, chuta para longe o futuro e vive intensamente o presente? Uma lição que aprendi com o Alemão e o funk é que na pergunta a gente diz a resposta. A memória é o presente da vida. Um presente embrulhado e bonito. Dado a uma vida corrida e intensa. Quem embrulha o presente? O Funk. O que tem dentro da caixa do presente? O coração.

Explico melhor. Veja, a memória, diferentemente daquela clássica, ela não desperta a lembrança do que passou. Ela reivindica a vida e dá sentimento e sentido para aquilo que se perdeu. Por exemplo, é imperativo da narrativa funkeira: saudades eternas dos amigos (momentos, casas, lugares, afetos) que já se foram! A convocação da memória diante da dor da saudade, no funk, possui uma força e apelo reivindicativo da vida. É como se isso trouxesse de volta quem já foi. Ressuscitasse quem fomos. Convocasse, para o presente, da mesma Joaquim de Queiroz cheia de gente, aquele sentimento antigo, para tomar caldo de cana na feira. A memória, na favela funkeira, não é clássica, mas sim, favela tem disso, ela não deixa a lembrança dentro dos museus. E sabe por que não deixa? Porque o funk é o museu. E, assim, ele guarda e confere vivacidade a saudade, chamando-a para dentro do rádio, do Facebook, do Youtube e do baile. Assim, transforma a ausência em presença, que não se perde, quando perdemos ao deixar os museus. Ela fica, se eterniza, e revive tudo aquilo que um dia morreu. O funk, não é um quadro, uma foto, um dinossauro, ou tudo aquilo que um dia foi. Funk é uma música. E cantá-lo significa reviver e dar vida a quem já fomos, aqueles que foram e dizer o que queremos ser. Ele não deixa seu amigo se perpetuar num álbum. Ele o coloca no grito e na força do tamborzão. Só assim é possível perceber as ruas e becos, nervosos, moradas da dor e alegria, como espaços de potencialidade que supera a provisoriidade.

Por isso, na favela a memória é ativa. É bandeira de reivindicação do direito à vida. Ela recusa depositar num espaço a saudade e as lembranças. Não é possível ter passado, para quem não consegue garantir o futuro. Por isso o lugar da memória na favela é o presente. Um presente dado à vida. Embrulhado e animado pelo funk. Que dentro do pacote tem um coração. E nesse presente tem um cartão que é um convite. Somos convidados, todos nós, ao despertar da memória, viver. E se há algo de passado e de lembrança, é esse:

o presente da memória, dado à vida, é um convite e uma lembrança para aquilo que somos e que nunca poderemos deixar de ser com todas as narrativas, discussões e lutas que disso decorre.

O funk, na verdade, colore e guarda a memória. Mas não de forma física e em caixas. É cantada, compartilhada, triste e alegre, movimentada e vazia, podendo ser elétrica, como o Nego do Borel, ou mansa, como o Mc Marcinho. A memória é um funk, que conta e reivindica as nossas vidas, culturas e raízes, que nunca morre.

Por fim, vale relembrar: A polícia passou, a dor ficou. Mas é da dor, exatamente da sua dureza que nascem flores, de todos os tipos, cores e vozes. Parafraseando a digníssima autora Conceição de Evaristo, fundamental para todos nós, “eles combinaram de nos matar, nós combinamos de transformar o velório em um baile e não deixar a história morrer”.

A cultura de fazer acontecer....



Tatiana Lima

Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense e Doutoranda em Comunicação Social na mesma instituição. Atua na área de violência, segurança pública, cidade e mídia com ênfase em etnografia e produção de sentido de narrativas jornalísticas e criminalização da pobreza. Atualmente, dedica-se ao estudo da comunicação popular pós pacificação e a disputa narrativa sobre os sentidos da cidade do Rio de Janeiro. Moradora da Zona Norte, comunicadora popular, é integrante da equipe do Núcleo Piratininga de Comunicação - NPC, e professora substituta de jornalismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

## É o Bonde dos Crias a rua como cultura de comunicação e sobrevivência

Se a Literatura é arte como forma de “escrivência” – uma escrita cultivada e germinada no cotidiano, nas lembranças e na experiência de vida de um povo – como define a escritora brasileira Conceição Evaristo, a rua é arte em forma cidade que comunica a escrita de sobrevivência da juventude favelada do Rio de Janeiro. Não falamos de grafites ou de versos e dizeres pichados em muros. Nosso objetivo é apresentar um olhar sobre a ação comunicativa do “sobrevivês” periférico: a cultura de transformar a rua em uma plataforma de jornal para gritar, dá o papo, enviar bilhete, prestar homenagem, berrar identidade, produzir sentidos, desenhar esperança, criar espaços e até um conjunto de favelas. Em suma, produzir comunicação popular como cultura de rua favelada. Seja em muros da favela, pela circulação dos corpos ou a construção das escadas nas favelas que formam becos e vielas e guardam a cultura de sobrevivência (FACINA, 2012) das favelas. Convidamos então, você leitor, para realizar uma jornada – que não tem a intenção de formar e ser lido como um texto acadêmico – até a quebrada do Complexo do Alemão.

O objetivo é apresentar o “Bonde dos Crias” que aprenderam com os antigos moradores a resistir, mas também a se recriar como sujeitos, sobretudo, vozes e vidas com direitos e narrativas próprias utilizando as novas tecnologias da comunicação para produzir cultura e arte. São os “Makers da Favela 2.0” que valorizam formas de viver e ser, modos de um cotidiano que produz identidade jovem, negra e periférica. E berra! Berra em todos os cantos da cidade que é favelada!

### O espaço à margem é resistência

Chegar à Matinha, uma das 13 favelas que compõe o Complexo do Alemão, na zona norte do Rio de Janeiro, não é tarefa simples. Localizada em uma das partes mais altas da comunidade, o acesso não é possível de ser feito por transporte público. Os ônibus chegam somente até a esquina da rua principal que entrecorta a comunidade.

A partir dali, é preciso seguir o percurso a pé ou na garupa de uma moto. A falta de acesso à rede de transporte público, a mobilidade urbana, é só um dos obstáculos na rotina dos moradores das favelas do Rio de Janeiro, dentre eles, a população que vive no Complexo do Alemão. Um lugar com serviços públicos precários de saúde, saneamento básico, educação e cultura. O conjunto de 13 favelas tem o pior Índice de Desenvolvimento Urbano (IDH) entre os 126 bairros da cidade do Rio de Janeiro, com uma taxa de 0,711. A população é estimada em 100 mil moradores que convivem com violências simbólicas e físicas, violações de direitos humanos, incluindo o direito à vida devido à falta de insegurança, mas também de espaços oficiais de lazer e cultura.

O Complexo do Alemão foi palco nos últimos dez anos de grandes intervenções urbanísticas do Estado e do governo federal com um investimento de mais de 716 milhões reais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Cerca de 210 milhões foram usados para a construção de um sistema de teleférico para melhorar a mobilidade urbana e integrar os morros ao sistema público de transporte. Porém, o projeto executado não seguiu o plano original que previa a construção da circulação de linhas de kombis para integrar as estações as ruas principais dos bairros. Também não cumpriu a ideia original das instalações dos prédios da estação do teleférico se transformarem em espaços de cultura. Apenas uma pequena biblioteca foi construída na estação Palmeiras, mas no tempo que funcionou – há mais de um ano o teleférico foi fechado e suas instalações apropriadas pela polícia – poucas atividades eram realizadas. E quando funcionava, o passeio pelo teleférico do Complexo do Alemão, revelava quando se olhava para baixo, a falta de garantia de direitos dos moradores em termos de acesso a cidadania e políticas sociais. Enquanto as soluções não chegam, são os moradores que precisam buscar alternativas para solucionar as “ausências” e “presenças” do Estado. Qualquer “cria” de favela conhece e convive com essa dinâmica: a cultura da sobrevivência (FACINA, 2012) dos modos de ser favelado. O dono da rua na favela nem sempre é o cria da favela, mas quem tem moral de morador são só eles: os crias. Ter “moral” de cria é muito mais do que se identificar como favelado ou ser nascido e criado em uma favela. Para ter moral de cria é preciso “estar inserido na dinâmica da favela, seja em ações políticas e culturais, seja nos debates que mexem diretamente com a vida na favela” (SOUZA, 2018, p.63). Isso significa ocupar as calçadas, os becos e vielas fazendo festas à juventude inteira, mas também carregando tijolo e saco de cimento, virando massa e batendo laje, ajudando a tia com as compras a subir o morrão e organizando a vizinhança pra construir o espaço coletivo.

Ser cria da favela é saber conviver com a possibilidade do conflito em espaços comuns, produzindo uma “escrivência” comunicativa no próprio espaço da favela como cultura. Afinal, é na favela que “moral de cria é o que garante a legitimidade e sobrevivência, principalmente quando as relações tomam como base à sociabilidade na convivência cotidiana” (SOUZA, 2018, p. 65).

## **As escadas das favelas: três tempos de Makers da favela**

Se você chegar para um morador de favela, inclusive, no Complexo do Alemão e perguntar: o que é maker? A resposta é unânime:

“Não faço ideia!”. Mas, “a favela é maker por essência”, como explica Marcelo Magano, jovem negro, ator e morador do Morro do Alemão, porque o morador de favela é um “fazedor”. Faz de tudo e transformar conforme a necessidade da sobrevivência em seu cotidiano. “O pobre desde sempre é um fazedor, é um maker! Ele sempre teve que criar soluções para resolver o problema de escassez ou ausência do Estado. É um fazedor nato!”, ressalta Thamyra Thâmara, em depoimento em 06.05.2016, no Canal do Youtube, Gato Mídia. O conceito pensado por esse primeiro bonde de crias do Gato Mídia,

um coletivo de comunicação, cultura e entretenimento que criou a Casa Brota (espaço coletivo de trabalho para conectar as redes de fazedores locais do Complexo do Alemão), fica fácil de ser compreendido quando pensamos na produção do espaço da favela e a metodologia de mutirão criado por favelados. “Existe certo tipo de criatividade que surge da resiliência, da necessidade do pobre. Quando um morador cria um transporte que resolve o problema de locomoção e becos e viela, ele é um fazedor”, conta Thamyra Thâmara (idem). A favela da Matinha é uma das mais altas da comunidade do Complexo do Alemão. Mesmo assim, não tem uma estação do teleférico. A primeira vez que fui lá, segui as orientações de Glória. Precisava pegar um mototáxi na esquina da fronteira da favela com o asfalto para chegar à parte alta do morro, uma forma de me poupar de subir uma longa e íngreme escada, que liga a parte baixa do morro até um dos pontos mais altos. Não havia número, nome de rua, da escada ou até do beco. O motorista da moto tentou duas vezes, mas não conseguiu me deixar no ponto de encontro marcado. A principal rua, uma ladeira, que dava acesso ao morro, estava interdita por obras do PAC. Com o desvio do percurso, o motorista me deixou na escada na parte baixa da favela. Explicou que era só subir. Eu estava perto da casa de Glória. Bastava vencer os mais de 180 degraus. Na realidade, a escada formava um beco cheio de casas. Glória não é cria do Complexo do Alemão. Chegou à comunidade em 1º de maio de 1994, mas tem “moral” de cria. E a prova é a história daquela longa escada que até a chegada dela e da família ali era feita de terra batida. “Me juntei com a vizinha e ela falou: ‘vamos catar o dinheiro dos moradores e aí a gente compra material e fazemos uma escada de cimento’. Não era a melhor solução, mas era o que dava pra ser feito”, conta Glória Maria. Mas, de muitas escadas e becos são feitas as favelas. Thales Vieira (2014), antropólogo e filho de uma ex-moradora da favela de Nova Brasília, também no Complexo do Alemão, conta como outra escada guarda a memória dos moradores em cada um de seus degraus, construindo a dimensão do lugar e da cultura de sobrevivência dentro da favela. A Escada do Capão liga a parte baixa da favela de Nova Brasília até a parte alta da Alvorada, é formada por degraus desnivelados sem nenhuma espécie de descanso. Certa vez, ele reclamou com a mãe da escada. Ouviu dela, em tom de protesto, uma frase que nunca mais saiu de sua cabeça: “se você soubesse o esforço que foi para construir aquela escada não reclamaria!”. É que a Escada do Capão foi construída por outro mutirão e iniciativa de moradores.

O mutirão é uma cultura de sobrevivência dos fazedores (ou makers) com papéis bem definidos e que possui uma dimensão de comunicação popular. Os homens são os responsáveis pela parte física, botar a mão na massa para executar a obra. As mulheres são as que organizavam a alimentação e recolhiam o dinheiro para comprar tanto os ingredientes do preparo das refeições como os materiais para a construção. Elas também são as mobilizadoras que convocam a vizinhança para o trabalho do mutirão. A experiência da reprodução social do mutirão, de acordo com Vieira (2014), é também passar por rituais festivos e uma operação logística que povoam as lembranças dos moradores, remetendo a um sentimento de pertencimento ao lugar e

identidade favelada. Isso porque uma escada na favela se transforma em um espaço de sociabilidade. Ao construir uma escada, nasce um beco. A juventude hoje no Complexo do Alemão, por exemplo, usa muito a expressão “Nóis é beco” para explicar a cultura favelas, ressaltando que se no asfalto as esquinas e praças funcionam como lugares de encontro da população, na favela, onde não há muitas ruas e tampouco esquinas, são os becos, formado por escadas que servem como lugar de encontro. Na década de 70, foi na Escada do Capão que os pais de Thales Vieira se começaram e conheceram a namorar. É na escada, porta de diversas casas, que o churrasco acontece, o jogo do Flamengo é assistido de frente para TV com a galera sentada nos degraus como se estivesse nas arquibancadas do Maracanã e que festas de aniversário com direito bolo, painel e bolas são feitas. As escadas da favela carregam uma escrivência de sobrevivência de um cotidiano de ser e viver que se reflete em performance de identidade de uma cultura favelada. “Só que isso não é reconhecido. Quem diz o que é cultura ou pontos de inovação? Por que o que o pobre cria não é considerado? E tem mais: o pobre não cria só por resistência, ele também cria por estética e lazer: temos o funk e o passinho aí”, questiona Thamyra Thamâra, do Gato Mídia.

O mutirão, portanto, é um exemplo histórico da “cultura de sobrevivência” da favela, categoria levantada pela antropóloga Adriana Facina para explicar a experiência compartilhada por seus moradores. “Se refere à vida em escassez de direitos e em ameaça permanente (...). A cultura envolve modos de vida permeados de solidariedade e de estratégias para garantia de direitos e acessos aos benefícios” (2014, p.6), tais como luz elétrica, água encanada, internet e sinal de TV e o próprio chão da favela. Neste universo, as ações dos moradores são geradas a partir de valores que elaboram simbolicamente práticas cotidianas “do chão do beco que se tornam matéria-prima da criatividade” para a solução de um problema que afeta a todos. A antropóloga usa a categoria da “cultura da sobrevivência” e o sentimento de enraizamento para enfatizar toda uma rede de laços, afetos e solidariedade que permeia a morada na favela e seu espaço na cidade, produzindo no cotidiano da divisão de um sofrimento “vivido no silêncio do coração e da memória, poucas vezes, divididos” (2014, p. 2).

Em novembro de 2013, quando cheguei ao Morro do Alemão, ao descer do teleférico, para participar de um evento político cultural organizado por moradores, fui surpreendida pela transformação do espaço na Avenida Central, principal rua daquela área. No lugar dos escombros de casas removidas pelo PAC, grafiteiros encheram os muros das casas que permaneceram de cores e arte ressignificando o lugar. A intervenção urbanística do PAC não deixou só escombro. Havia uma escada. Deixada intacta e cheia de memórias da “presença” do Estado. Era a lembrança de uma ferida, da “presença” autoritária. Mas, o que foi um dia “símbolo de afronta e ameaça” (FACINA, 2014, p.5), após intervenção artística de Mario Brands, se tornou ponto de encontro e lugar social. A escada se tornou um beco imaginário. Moradores iam até a essa escada para tirar fotos, reunir-se para ouvir uma música, confraternizar. Porém, um mês após a re-existência, o Estado demoliu a “Escada da Memória”, a mesma escada que estava

ali há mais de dois anos sem a sua atenção. Um dos moradores, ao saber da destruição, guardou pela arte a memória política-cultural do Complexo do Alemão. Essa “escrivência” cultural e espacial ganhou forma de arte de cordel, desvelando a compreensão da disputa de sentidos sobre a cultura da favela impressa na rua.

BEM EM FRENTE AO RAÍZES / SUMIRAM COM A ESCADA / MESMO  
COM DOZE DEGRAUS / ELA NÃO LEVAVA A NADA / SUMIU PARA TODO  
O SEMPRE / POIS FOI EM PÓ TRANSFORMADA / LEMBRAREMOS DELA, LINDA /  
DEPOIS QUE FOI REPINTADA / MAS ATÉ ANTES DAS TINTAS / FICARÁ SEMPRE  
A LEMBRANÇA / DE UMA OBRA INACABADA / PELOS VELHOS MORADORES /  
QUANDO ERÁ HABITADA / COMO UM CLARO SINAL DE CONQUISTA BATALHADA /  
DECIDIRAM O SEU FIM / QUANDO FOI FOTOGRAFADA / AGORA SÓ RESTA LUTA /  
OU NÃO NOS SOBRARÁ NADA / PRA IRRITAR OS PODEROSOS ERGUEREMOS OUTRA ESCADA.

(CORDEL DE JOSÉ FRANKLIN, MORADOR DO COMPLEXO DO ALEMÃO, PUBLICADO EM REDE SOCIAL, FRAGMENTO DE 13/12/2013).

A “Escada da Memória” transformada em arte de rua, serviu de instrumento de “re-referenciação” (FERRAZ, 2012) da territorialidade e da cultura de rua favelada, mas também à “nova ordem” imposta, produzindo desordem ao sentido de violência engendrado pela “presença” à margem do Estado na “escrivência” do Complexo do Alemão. Alguns fragmentos da escada foram guardados por integrantes do Instituto Cultural Raízes em Movimento. Eles guardam assim como o chão de becos e degraus de escadas a memória das estratégias sobrevivência dos pobres e de uma juventude periférica, abrem-se como “a memória que guarda o que vale a pena” (GALEANO, 1978): a potência de re-existência.

## **Makers da Favela 2.0**

O último tempo das narrativas das escadas da favela já traz a nova configuração sobre os fazedores da favela: o uso das redes sociais para amplificar e berrar as vozes de re-existência. A juventude favelada – e até moradores antigos como o cordelista José Franklin, de 63 anos, entre outros residentes – estão conectados e já inseridos em uma linguagem 2.0. Porém, é o Bonde dos Crias, ou seja, os jovens que vêm não apenas se apropriando das novas tecnologias da comunicação como ferramenta, mas convocando através delas a ocupação de ruas seja dentro e fora da favela com os modos de ser e viver favelado.

O Complexo do Alemão está uma caixa de cultura periférica. Seja pelas ocupações dos grafites aos bilhetes de luto deixados por crias para “crias” que deixam “saudades” e que são “amados” nos muros e vielas, transformando paredes em memoriais. Seja usando a rua como o espaço do comum e da comunicação popular, em suma, do diálogo de geração de crias e até com o asfalto.

Em dezembro de 2013, uma juventude do conjunto de favela convocou a manifestação #OcupaBorel e #OcupaAlemão, via redes sociais para através da arte e cultura protestar contra abusos policiais e servir de caixa amplificadora da voz da juventude. Em 2014, a moradora Mariluce Mariá, lançou o projeto Favela Art, que conta com a participação e doações de pessoas de diversas nacionalidades através da internet. Ela se descobriu artista plástica e inventou uma forma própria de retratar a favela em cores. Começou a pintar quadros para vender aos turistas que visitavam o Complexo do Alemão, quando funcionava o teleférico. Em seguida, Mariluce começou um projeto de levar suas telas para dentro das favelas, pintando muros e entradas de comércios com sua arte. Também iniciou um projeto que hoje atende 180 crianças ensinando-as a pintar quadros, produzindo arte e cultura para as crianças. Em 2015, o Coletivo Raízes em Movimento, a partir da parceria entre moradores e instituições do Complexo do Alemão junto com estudantes e professores da Faculdade Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, construiu coletivamente a Praça Verde, no Morro do Alemão, no mesmo lugar que derrubaram a “Escada da Memória”. A experiência de troca de saberes e conhecimentos entre a universidade e a favela foi realizada a partir da metodologia dos mutirões. As obras ocorrem em julho de 2015, tendo estudantes e apoiadores da iniciativa durante três meses, virando massa para construir a Praça Verde. O financiamento foi feito arrecadado pelo uso das novas ferramentas da comunicação: com uma vaquinha online. A inauguração oficial feita em novembro de 2015. Hoje, a Praça já se encontra consolidada, porém em constante processo de transformação. Ela é constantemente ocupada com eventos do Instituto Raízes em Movimento, shows, rodas de conversa, exposição de trabalhos de cinema e poesia, e a intervenção do artista alemão Miss Tobi, além do uso cotidiano por parte dos moradores para churrascos, namoros e um batidão com tamboão. Em outubro de 2015, via redes sociais, o Coletivo Papo Reto, um grupo de jovens que usam a comunicação como ferramenta e defesa dos direitos humanos, convocou o Farofaço 2.0 – a Praia é de Todos! O evento foi criado para fazer uma oposição política através da cultura e identidade favelada da “farofa” – curtir um dia de sol nas praias da zona sul levando potes com comida no final de semana. Isso porque em uma estratégia de segurança pública, a polícia iniciou uma operação de segurança nas linhas de ônibus que saíam da zona norte em direção às praias da zona sul, revistando jovens com “perfil” periférico: pretos e pobres vestindo bermuda, camiseta e boné e com pouco dinheiro no bolso. O evento convocado via redes sociais foi destaque em jornais comerciais e gerou uma exposição de fotos realizada dentro do Largo do Bulufa, no Complexo do Alemão. As fotos de Carlos Cout, membro do coletivo, retratavam o protesto realizado nas áreas do Arpoador, mas também da cultura favelas retratando corpos e modos de viver: jovens pobres, negros e favelados sentados na praia em volta de uma farofa (frango, arroz, maionese e farofa, claro!). Em 2017, as ruas do Complexo do Alemão, passaram a abrigar o Slam Laje – batalha de rap e poesia produzida

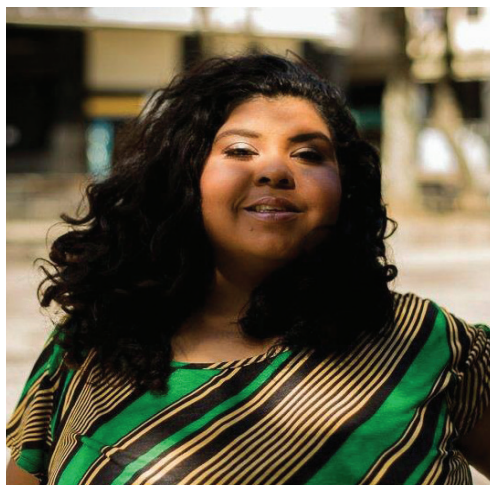
por jovens periféricos das favelas de lá e de outras quebradas. O projeto foi iniciado pela MC Martina e Al-Neg e tem o objetivo de incentivar a poesia e a literatura marginal dentro do Complexo do Alemão, fortalecendo um movimento cultural ocupando vários espaços dentro da favela com passinho, batalhas de rimas, de uma forma sagaz e resistente. O lema é “A favela tá passando a mensagem: Slam Laje!”. “A inovação que o pobre produz não é reconhecida como tal, é sempre vista como um jeitinho brasileiro, mas não como algo inovador” (Thamyra Thamara, 06/05/2016, Canal Gato Mídia). E dentre tantas experiências, temos também o Gato Mídia, justamente, pensando tecnologias, criando conceito e registrando essas escrituras como metodologia e performance da cultura da sobrevivência, agora em versão favela 2.0. Esse Bonde dos Crias Makers vai longe, não? Seja produzindo experiências e nova representações para uma juventude negra, pobre e favelada dentro e fora das favelas e nas redes, democratização do acesso ao direito à cultura, à comunicação, à informação, em linguagem rimada operada por um sobrevivês. E ainda há quem acredita que a favela é carente? Só se for de olhar e vontade política.

Porque, os crias não se rendem! Afinal, “noix somos de beco”.

A juventude periférica vai seguir dando rolezin em todas as direções. E não apenas para trabalhar. São makes. Fazedores. Não param!



A poesia marginal



## Rejane Camelô

Rejane Barcelos é atriz, poeta e camelô, nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

## Poesia Marginal

LEMBRANÇAS QUE TRAGO NA MINHA MEMÓRIA  
UMA VIDA COMO TANTAS OUTRAS  
NEM SEI SE POSSO CHAMAR DE HISTÓRIA

SEM SUCRILHOS NO CAFÉ DA MANHÃ  
A RUA FOI MINHA PROFESSORA E A FOME MINHA IRMÃ

MINHA INFÂNCIA SEMPRE DE CARA COM O PERIGO  
CRIANÇA PRETA  
QUE JÁ NASCE COM O ESTIGMA DE BANDIDO

MÃE SAINDO DE MADRUGADA  
CHEGANDO CANSADA  
O ABANDONO DOS PARENTES  
SUA IRMÃ TÃO NOVA SENDO ASSEDIADA...  
O PAI AUSENTE  
SÓ SOUBE FAZER MÓ VACILO...

OLHO MINHA CERTIDÃO  
ME DÓI AQUELE VAZIO  
NO PAPEL QUE NEM PRECISA ESTAR ESCRITO  
POIS A MENSAGEM É CLARA:  
PAI DESCONHECIDO.

MAS QUEM SOU EU PRA JULGAR  
MEU PAI NÃO TEVE PAI, POR ISSO NÃO FOI CAPAZ DE SER ...  
PAI, NA VERDADE, AQUI É CARGO DE ALTA ROTATIVIDADE.

E FOI ASSIM QUE EU CRESCI  
VENDO MINHA RAINHA LUTAR  
COM UNHAS E DENTES  
PRA QUE EU NÃO FOSSE MAIS UM DELINQUENTE.  
SER SOBREVIVENTE DO MASSACRE É UM INFERNO  
TORTURAS SOCIOEDUCATIVAS PRA DISCIPLINAR O INTERNO.

DÓI VER MINHA COROA,  
MINHA COMPANHEIRA,  
NUNCA ME ABANDONOU  
É UMA GUERREIRA.

PERDER DIA DE TRABALHO PRA VIR AQUI ME VER  
SABE QUE VAI TOMAR ESPORRO DA PATROA  
QUE NÃO ENTENDE, NEM NUNCA VAI ENTENDER

TIO, DÓI VER MINHA COROA NESSA SITUAÇÃO  
SE EXPLICANDO,  
SE HUMILHANDO,  
PRA ESSA GENTE QUE TEM TUDO  
MAS NÃO DÁ VALOR A NADA  
PRA ELES, ATÉ O SER HUMANO  
É OBJETO DESCARTÁVEL  
NASCEU, CRESCERU TENDO O MUNDO  
EM UMA BANDEJA DE PRATA.  
NÃO CONHECEM A DOR DA FOME,  
NEM A FALTA DE UMA FAMÍLIA BEM ESTRUTURADA.

E, TIO, TUDO QUE EU FIZ, EU FIZ POR ELA  
PRA NÃO VER MINHA RAINHA  
COM A CARA NA PRIVADA  
DESSA GENTE MESQUINHA  
SÓ ACREDITA QUEM VIU  
EU NUNCA LI UM LIVRO  
MAS JÁ SEI MANUSEAR UM FUZIL

MATAR  
ROUBAR  
OSTENTAR

O SISTEMA FEZ DE MIM UM MONSTRO  
E AGORA NÃO SABEM COMO LIDAR

NEM IDADE PRA VOTAR EU TENHO  
MAS A CAPA DO JORNAL  
ME PÕE COMO O BANDIDO DO MILÊNIO  
ANTISOCIAL DE ALTA PERICULOSIDADE

MAIS UM NÚMERO NO SISTEMA  
PRA PM UM TROFÉU  
QUE FAZ SOLDADO SER CONDECORADO  
JUIZ PREMIADO  
POR DEFENDER OS BENS DO ESTADO

E EU AQUI, MAIS UM ENCARCERADO  
DA CASA FUNDAMENTADA  
DOS NEGUIM DEGENERADO  
QUE MORRE LINCHADO

NO ATESTADO DE ÓBITO  
TÁ MORTE NATURAL  
TANTO FEZ, TANTO FAZ  
BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO  
NÃO VAI VIRAR CAPA DE JORNAL  
HOJE SENTADO NUMA CELA ATRÁS DAS GRADES  
MAIS UM INTERNO SE RESSOCIALIZANDO NO DEGASE  
SENDO APENAS MAIS UM NÚMERO DE PROCESSO, SEM IDENTIDADE.

HOJE EU SEI, SOU MAIS UM  
DENTRO DO SISTEMA  
CUMPRINDO MEDIDA SOCIOEDUCATIVA  
DO ESTADO QUE NUNCA SE PREOCUPOU EM ME EDUCAR  
NEM MELHOR, NEM PIOR...IGUAL.  
E VEJO QUE NÃO POSSO PARAR, AFINAL  
JÁ QUE NÃO POSSO MUDAR MEU COMEÇO, TIO  
VOU LUTAR,  
VOU MUDAR O MEU FINAL.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Tânia Monteaperto. Espaços Privados: Conhecer as dificuldades da apropriação em Shopping Center, 2011.

ANITTA. Entrevista concedida a Universidade de Harvard. Abril, 2018.

ARÊAS. Luciana Barbosa. A Redenção dos operários: O primeiro de Mario no Rio de Janeiro durante a República Velha. Campinas, Dissertação de Mestrado em História. Unicamp, 1996.

AZEVEDO. Arthur. O Theatro, a notícia, Rio de Janeiro, 08/03/1906. In: NEVES, Larissa de Oliveira e LEVIN, Orna Messer. (Orgs). O Theatro, Crônicas de Arthur Azevedo. Campinas. Editora da Unicamp, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In Barbosa, Livia & Campbell, Colin (org.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CARRANO, Paulo. Jovens, Escolas e Cidades: Desafios à autonomia e à convivência. Revista Teias v. 12 n. 26, 2011.

COUTO, Patrícia; RODRIGUES, Rute. A Gramática da Moradia no Complexo do Alemão: História, Documentos e Narrativas. Ipea, 2015.

DAYRREL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. Faculdade de Educação da UFMG/ Observatório da Juventude da UDMG, 2004.

FACINA, Adriana; PASSOS, Pâmella. Consumo, inclusão e segregação: reflexões sobre lan houses e um comentário sobre rolezinhos. PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, v. 4, 2014.

FACINA, Adriana. "A Escada da Memória": arte e conflito no Complexo do Alemão. 38º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais, 2014.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. Guia afetivo da periferia / Vinícius Faustini.- Rio de Janeiro : Aeroplano, 2009.il.-(Tramas urbanas ; 11).

FERRAZ, Sonia Maria Taddeci. Ordem/Desordem. Violência e políticas de segurança pública na cidade. Ou: desordem/ordem na cidade, política de segurança e violência. In: Política governamental e ação social no espaço (pp. 167-174). Letra Capital: Rio de Janeiro, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática

educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo. Dias e noites de amor e de guerra. Porto Alegre: Paz e Terra, 1978.

GATO MÍDIA. Quem são os Makers de favela?. Canal no Youtube Gato Mídia. Data da publicação: 06/05/2016. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=jOvLn6RZOqQ>>. Acesso em 14/11/2018.

GOFFMAN, Erving. Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_, Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Brasília, 2010.

Lei SINASE, Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH). Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo-SINASE. Brasília/DF:CONANDA, 2006. O Espectador, Rio de Janeiro, ano III, nº 17. 08 de julho de 1883.

LEVIN, Orna Messer. (Org). O Theatro, Crônicas de Arthur Azevedo. Campinas. Editora da Unicamp, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. RJ. Ed. UFRJ, 1997.

NEVES, Larissa de Oliveira e LEVIN, Orna Messer. (Orgs). O Theatro, Crônicas de Arthur Azevedo. Campinas. Editora da Unicamp, 2009.

PAIVA, Ilana Lemos de; BEZERRA, Marlos Alves. O Teatro do Oprimido no Atendimento Socioeducativo. Experiência de Teatro em psicologia. VII Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA – São Luís do Maranhão – MA, 2015.

PENNA, Violeta Vaz. Oficinas de Dança em Projetos Socioculturais: experiências estéticas e educativas de jovens e professores. Belo Horizonte, 2011, 177ls. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Djamila. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SILVA, Fernanda Roberta Lemos. Sentidos atribuídos à oficina de Teatro em centros socioeducativos. Revista de Ciências HUMANAS, v. 48, n. 1, pp. 35-54, abr., 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Renata. Cria da Favela: resistência à militarização da vida. Rio de Janeiro: Editora NPC, 2018.

VELHO, Gilberto. A “Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento.” Mana 17 (1): 2011.

VIEIRA, Thales Monteiro. Nem junto, nem misturado: uma etnografia sobre paz e proximidade na UPP Nova Brasília no Complexo do Alemão. Niterói, 2014.

WACQUANT, Loïc. Prisões da miséria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

## Sobre o Instituto Terra Nova

O Instituto Terra Nova nasceu com a missão de transformar vidas de pequenos empreendedores sociais e auxiliá-los na concretização de seu próprio negócio. Com 08 anos de experiência na área mencionada, atua promovendo qualificações profissionais, culturais e esportivas, seminários, workshops, palestras e eventos com a finalidade de difundir o empreendedorismo individual e social. Com esse foco, a instituição estabelece parcerias com renomadas ONGs e instituições – privadas e públicas – objetivando potencializar o desenvolvimento de ações pedagógicas de qualidade, como também a abrangência de atendimento em localidades com baixos índices de IDH – Índice de Desenvolvimento Humano. Dentro desse propósito surgiu o projeto Um Novo Horizonte.

Um Novo Horizonte é um projeto social que tem como objetivo facilitar o processo de reinserção social e profissional de jovens em conflito com a lei que estão cumprindo medida socioeducativa em unidades de internação, de semiliberdade e de liberdade assistida do DEGASE, em unidades localizadas nas seguintes localidades: Ilha do Governador, Bangu, Ricardo de Albuquerque, Campos dos Goytacazes, São Gonçalo e Belford Roxo.

Com essa parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, através do Novo Degase, e com a Petrobras, financiadora do projeto, foi possível atender, em quase dois anos, cerca de mais de 2.000 jovens em cursos variados como: Costura Básica e Customização, Marcenaria, Cerâmica Artística, Corte de Cabelo Masculino, Batik e Tie Dye, Serigrafia, Penteados Afro e apliques, Desenho, Bordado, Garçom para Eventos, Pintura e Texturização de Paredes, Capoeira e Fotografia.

Essa iniciativa tem contribuído com o oferecimento de oportunidades concretas de crescimento e amadurecimento pessoal e profissional desse público, resultando em melhoria da qualidade de vida, respeito e prática dos direitos e deveres e mais: uma possibilidade de ter, presenciar e ver UM NOVO HORIZONTE.



## **Expediente do Projeto Um Novo Horizonte**

### **Presidente do Instituto Terra Nova**

Marco Antonio Gomes

### **Coordenação Geral**

Cícero Nogueira

### **Coordenação Pedagógica**

Ana Paula Degani

### **Assessoria Pedagógica**

Márcia Serqueira

### **Assessoria Administrativa**

Kelly Figueiredo

Miriam Serqueira

### **Organização**

Ana Paula Degani

Tatiana Bastos

Tatiana Lima

### **Autores**

Artur R. Batista Henrique

Lisiane Nieldsberg

Natã Neves do Nascimento

Raphael Calazans

Tatiana Bastos

Tatiana Lima

Rio de Janeiro

2018



**Poetas**

Carol Dall Farra  
Jéssica Policarpo  
Maria Carolina Carvalho Martini  
Mariana Probst  
Rejane Barcelos  
Rogério Snatus

**Ilustração**

Arthur Rodrigues

**Revisão**

Ana Paula Degani

**Projeto Gráfico e Direção de Arte**

Isabelle Castillo

## Sobre as organizadoras do livro



Ana Paula Degani

Educadora, graduada em Letras pela UERJ. Tem vasta experiência no Terceiro Setor e já desenvolveu vários projetos sociais ligados à educação, cultura e profissionalização, em parceria com empresas privadas e com os governos municipal, estadual e federal. Atuou como gestora e coordenadora pedagógica de espaços democráticos de ensino de renomadas instituições. Atualmente, coordena pedagogicamente o Projeto Um Novo Horizonte, nas unidades do Novo Degase. É também co-fundadora da Anima Curió Produções Culturais.



## Tatiana Bastos

Atriz, jornalista, mestre em comunicação social, coordena o Grupo “Teatre-se: Teatro e protagonismo juvenil feminino em favelas”. Também é componente do Coletivo Madalenas Rio, integrante da Rede Mundial Madalenas, de Teatro feminista

